

**PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO - PPC DA
UFSB**

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE
BACHARELADO EM PRODUÇÃO CULTURAL**

Versão considerando recomendações do CONSUNI

ITABUNA
Novembro, 2020

SUMÁRIO

1. Dados da Instituição	10
2. Identificação do Curso	10
3. Apresentação da UFESB	12
3.1 Histórico de Implantação da Ufsb	12
3.2 Razões de Ser e Princípios da Ufsb.....	13
3.3 Modelo Pedagógico e Estrutura Institucional Da UFESB.....	14
3.4 Marco Pedagógico Conceitual Da Ufsb.....	17
4. Justificativa de Oferta do Curso de Bacharelado Em Produção Cultural	18
4.1 Histórico e Justificativa para Implantação dos Cursos ligados às Tecnologias no Campus Jorge Amado	21
5 Objetivos do Curso	22
5.1 Objetivo Geral.....	22
5.2 Objetivos Específicos.....	22
6 Acessos ao Curso	23
6.1 Forma de Acesso ao Curso.....	23
6.2 Regime de Matrícula e Inscrições em Ccs	24
7. Perfil do Egresso	24
7.1 Perfil do Egresso.....	25
7.2 Matriz de Habilidades, Competências e Atitudes.....	25
7.3 Campos de Atuação e Competências Profissionais.....	26
7.4 Atribuições para as Atividades Profissionais.....	28
8 Organização Curricular	30
8.1 Fundamentação Legal.....	30
8.2 Estratégias Pedagógicas.....	34

8.2.1 Instrumentos Pedagógicos da Ufsb para Realização do Método Pedagógico	34
8.2.2 Estrutura Curricular	36
8.2.3 Análises do Método Pedagógico	37
8.2.4 Institucionalização do Método Pedagógico - Carga Horária Semanal e Sistema de Creditação	39
8.3 Estrutura Curricular	40
8.3.1. Eixos de Conteúdo e Atividades dos Cursos.....	40
8.3.2 Conteúdo Curricular de Primeiro Ciclo para Ingresso no Segundo Ciclo do BPC	41
8.3.3 Componentes Curriculares Obrigatórios do Curso de Segundo Ciclo de Bacharelado em Produção Cultural	43
8.3.4. Representação Gráfica De Um Perfil De Formação.....	45
9 Atividades Complementares.....	49
10 Estágio Curricular	51
11 Trabalho de Conclusão de Curso.....	52
12 Sistema de Avaliação do Processo de Ensino e Aprendizagem	53
13 Infraestrutura	54
13.1. Infraestrutura Física Disponível	54
13.1.1 Biblioteca do Campus Jorge Amado.....	54
13.1.2 Espaços Culturais Parceiros.....	54
13.2. Infraestrutura Física em Construção no Campus Jorge Amado ..	55
14 Sistema de Avaliação do Projeto do Curso.....	66
15 Docentes Credenciados Ao Curso	66
15.1 Docentes Credenciados.....	66
15.2 Núcleo Docente Estruturante.....	67
16 Catálogo De Componentes Curriculares.....	68
16.1. Componentes Curriculares Dos eixos da Formação Geral e do 1º ciclo.....	68
16.2. Componentes Curriculares Específicos do Curso BPC	89



16.2.1 Componentes Curriculares Obrigatórios.....	89
16.2.2 Componentes Curriculares optativos	98

Reitora da UFSB

Profª Drª Joana Angélica Guimarães

Pró-Reitora de Gestão Acadêmica

Prof. Dr. Janaína Zito Lousada

**Decana do Centro de Formação em Políticas Públicas e Tecnologias
Sociais**

Profa. Dra. Sílvia Kimo Costa

Equipe de Trabalho

Prof. Dr. Rafael Siqueira de Guimarães

Prof. Ms. Felipe de Paula Souza

Profa. Dra. Sandra Adriana Neves Nunes

Profa. Dra. Ana Cristina Santos Peixoto

TAE MSc. Lívia Gozzer Costa

APRESENTAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO DO CURSO DE BACHARELADO EM PRODUÇÃO CULTURAL

O presente documento apresenta o Projeto Pedagógico de Curso (PPC) do Curso de Bacharelado em Produção Cultural (BPC), proposto à alocação em Unidade Acadêmica Centro de Formação em Políticas Públicas e Tecnologias Sociais da UFSB, com duração prevista de no mínimo de 9 e máximo de 17 quadrimestres (Entrada direta e Nova Formação Geral), ou sendo egresso de cursos de Bacharelado Interdisciplinar (BI) ou da Licenciatura Interdisciplinar (LI) de um dos cursos de 1º ciclo da UFSB. O aproveitamento dos Componentes Curriculares (CCs) do BI ou LI cursado pela/o estudante ocorrerá com aproveitamento de estudos se esses CCs fizerem parte da matriz curricular do BPC ou por equivalência de estudos.

As vagas não preenchidas por estudantes dos BIs ou Lis poderão ser ofertadas, também por transferência externa de estudantes advindas/os de Bis ou Lis cursados em outras instituições ou portadores de diploma de curso superior de outra natureza.

Também, considerando atual decisão do CONSUNI, poderá ocorrer por entrada direta SISU.

Essa relatoria destaca que:

- i.a infraestrutura física ofertada pelos demais laboratórios do primeiro ciclo, as cooperações com espaços de atuação cultural e de tecnologias sociais da região possibilitam que o curso inicie em 2020.2;
- ii. será necessário, do ponto de vista de infraestrutura, a criação de um laboratório avançado de imagem e som, tendo em vista a especificidade do curso, mas, num primeiro momento, o uso dos espaços culturais de Itabuna e região pode suprir esta demanda até a sua construção;
- iii.do ponto de vista do corpo docente, esta Comissão indica que há corpo docente qualificado para a quase totalidade da necessidade de docentes, somente sendo necessário, neste momento, de dois

docentes com Regime de Trabalho DE com a especificidade de Tecnologia de Espetáculos/Produção Executiva, a fim de garantir o Eixo Tecnologias do Espetáculo, com experiência e produção nesta área, que devem ser aproveitados para o curso, sendo condição necessária para seu início.

vi. A comissão indica também o aceite da redistribuição já solicitada de docente para a área Metodologias Participativas/Cartografias Sociais, também condição necessária para seu início.

RESUMO EXECUTIVO

O presente documento apresenta o Projeto Pedagógico de Curso (PPC) do Curso de Bacharelado em Produção Cultural, do Campus Jorge Amado/Itabuna da UFSC. O PPC tem como objetivo geral prover profissionais qualificados do ponto de vista técnico, econômico, ambiental e social, ao atendimento das demandas atuais e futuras das áreas da produção cultural e das tecnologias sociais.

O curso contemplado no presente PPC visa atender a diversas questões que compreendemos ser desafios atuais da Universidade, considerando, em especial, a região onde este curso se estabelece. Logo abaixo, apresentamos alguns pontos que merecem destaque:

1. O Plano Orientador da UFSC destaca a possibilidade da Tecnologia de Espetáculos como área a ser desenhada.
2. O grupo formado por Rafael Guimarães, Cynthia Barra e Felipe de Paula já apresenta esta proposição desde 2015 em Seminários Pedagógicos da UFSC.
3. Outros Centros de Tecnologia no Brasil (UFRJ, UFF, UFABC, UEPB, por exemplo) têm respondido às demandas da sociedade quanto à ampliação do sentido de tecnologia. Há vários espaços de trabalho que têm demandado esta resposta das Universidades (destacar importância social das tecnologias como políticas).
4. Em pesquisa realizada com empreendedores culturais, há a necessidade premente na região de empreendedores da economia criativa, bem como de profissionais gabaritados em produção de tecnologias sociais.

5. Este curso marcará a atuação de um grupo de docentes com pesquisa e produção, não só ampliando seu atual escopo, mas respondendo à característica da Universidade, bem como dando resposta à alocação docente.

6. O curso possibilita a entrada de pessoas formadas em outros Bis e Lis que buscam formação profissionalizante e não se identificam com os cursos apresentados no Campus, com empregabilidade na região, tendo em vista os dados apresentados.

1 DADOS DA INSTITUIÇÃO

Nome da Unidade: Universidade Federal do Sul da Bahia;

CNPJ: 18.560.547/0001-07;

Lei de Criação: Lei nº 12.818, de 05 de junho de 2013.

2 IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

FORMAÇÃO EM BACHARELADO EM PRODUÇÃO CULTURAL

Curso: Bacharelado em Produção Cultural;

Diplomação: Bacharelado em Produção Cultural

Nível: Graduação Superior Plena

Carga horária total do curso: 3284 horas

Distribuídas da seguinte forma:

- 420 Horas de aulas em salas de aulas ou laboratórios ou atividades de campo com acompanhamento docente na Formação Geral- Resolução 10/2020;
- 900 horas de aulas em componentes obrigatórios;
- 120 horas de TCC no 2º ciclo divididos em 60h no componente “Escrita de projeto de trabalho de conclusão de curso” e 60h no componente “Orientação e Trabalho de Conclusão de Curso”;
- 400 horas Estágio Curricular Obrigatório supervisionado;
- 180 horas de aulas em componentes optativos ofertados exclusivamente pelo Colegiado do curso BPC;
- 840 horas de aulas em componentes optativos que poderão ser cursados 1º ou no 2º ciclo da UFSB;
- 120h em Atividades Complementares;

- 304 Horas em Projetos de Extensão, segundo a Resolução CNE n. 7/2018.

Tempo mínimo e máximo para integralização: mínimo de 9 e máximo de 17 quadrimestres letivos;

Turno de oferta: noturno

Número de vagas por turno: 40 vagas

Campus de oferta: CJA/Itabuna

3 APRESENTAÇÃO DA UFESB

3.1 HISTÓRICO DE IMPLANTAÇÃO DA UFESB

A Universidade Federal do Sul da Bahia (UFESB), criada pela Lei nº 12.818, de 05 de junho de 2013¹, teve suas atividades acadêmicas iniciadas em 08 de setembro de 2014 nos Campus Universitários localizados nos municípios de Itabuna (Sede), Porto Seguro e Teixeira de Freitas, e nas escolas integrantes da Rede Anísio Teixeira de Colégios Universitários (Rede CUNI), implantada em escolas da Rede Estadual de Ensino Médio Público da área de abrangência dos Campus: no Campus de Itabuna tem-se os CUNIs dos municípios de Itabuna, Ilhéus, Ibicará e Coaraci; no Campus de Porto Seguro os CUNIs de Porto Seguro e Santa Cruz Cabralia; e no Campus de Teixeira de Freitas os CUNIs de Teixeira de Freitas e Itamarajú.

A Comissão de Implantação da UFESB foi designada pelo Ministério da Educação (MEC) através da Portaria da Secretaria de Educação Superior (SESU) nº 108/2012, de 26/06/2012, e ampliada por representantes das instituições parceiras e consultores voluntários *ad hoc*, que desenvolveu suas atividades: em reuniões de trabalho na Universidade Federal da Bahia (UFBA, instituição tutora); em uma série de audiências públicas realizadas nas sedes municipais dos Campus em Itabuna, Porto Seguro e Teixeira de Freitas; em reuniões de apresentação da proposta às instituições de educação superior atuantes na região e às secretarias estaduais de governo; em seminários de planejamento acadêmico; e em consulta pública junto às comunidades acadêmicas das instituições parceiras, às organizações sociais e entidades representativas da sociedade civil, às administrações municipais da Região Sul da Bahia, bem como aos órgãos e Secretarias do Governo Estadual e organismos do Governo Federal, que vêm apoiando o processo de implantação da Universidade. Assim, a primeira versão completa do Plano Orientador da UFESB foi divulgada em 17/12/2012 e incluiu subsídios coletados

¹ disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato20112014/2013/Lei/L12818.htm

numa série de atividades de apresentação e discussão da proposta junto às instituições acadêmicas que atuam na Região.

3.2 RAZÕES DE SER E PRINCÍPIOS DA UFESB

A UFESB, conforme definido no Art. 2º de seu Estatuto² tem como razão de ser:

- I. gerar, difundir e compartilhar conhecimentos e técnicas nos campos das ciências, humanidades, artes, culturas e tecnologias, promovendo a eficiência acadêmica e o pensamento crítico-reflexivo nos diversos saberes e práticas;
- II. oferecer formação acadêmica, educação continuada e habilitação profissional nos diferentes campos de conhecimento e atuação, nos níveis de graduação e pós-graduação, educando para a responsabilidade social e ambiental, visando ao desenvolvimento humano com ética e justiça;
- III. promover a extensão universitária, gerando e compartilhando inovações, avanços, perspectivas, propostas, conquistas e benefícios resultantes da criação e da pesquisa, mediante amplo e diversificado intercâmbio com instituições, empresas, organizações e movimentos da sociedade, para o processo de desenvolvimento local, regional, nacional e global;
- IV. fomentar paz, equidade, solidariedade e aproximação entre gerações, povos, culturas e nações, contrapondo-se a toda e qualquer forma de violência, preconceito, intolerância e segregação.

Conforme definido no Art. 3º de seu Estatuto ³ a UFESB realiza suas atividades em conformidade com os princípios de:

²https://www.ufsb.edu.br/images/Resolu%C3%A7%C3%B5es/2020/Resolu%C3%A7%C3%A3o_n%C2%BA_16_-_Disp%C3%B5e_sobre_altera%C3%A7%C3%B5es_no_Estatuto_da_UFSB.pdf

³https://www.ufsb.edu.br/images/Resolu%C3%A7%C3%B5es/2020/Resolu%C3%A7%C3%A3o_n%C2%BA_16_-_Disp%C3%B5e_sobre_altera%C3%A7%C3%B5es_no_Estatuto_da_UFSB.pdf

I. eficiência acadêmica, traduzida na exigência de qualidade e relevância na produção de saberes e práticas, com uso otimizado de recursos públicos, coletivos e naturais.

II. ações afirmativas, compreendida como instrumento de promoção da equidade no acesso à educação e ao conhecimento, buscando implantar medidas eficazes que promovam o acolhimento e a permanência de estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica;

III. compromisso com a Educação Pública, entendido como colaboração com a educação básica na superação da imensa dívida social brasileira;

IV. compromisso com o Desenvolvimento Regional, nos aspectos individual, social, político, ambiental e econômico, articulando-se com instâncias representativas dos diversos setores da sociedade, mediante um padrão equilibrado de relação com a natureza, em perspectiva local e global.

3.3 MODELO PEDAGÓGICO E ESTRUTURA INSTITUCIONAL DA UFESB

O modelo pedagógico contido no Plano Orientador da UFESB fundamenta-se nos seguintes aspectos:

- **Arquitetura curricular organizada em Ciclos de Formação** - com modularidade progressiva, a UFESB oferece certificações independentes a cada um dos três ciclos de formação. O Primeiro Ciclo de Formação corresponde às modalidades de Bacharelado Interdisciplinar (BI), Licenciatura Interdisciplinar (LI) e Curso Superior de Tecnologia (CT), em diversas áreas de formação e com no mínimo três anos de duração – a entrada principal da UFESB é realizada através desse ciclo, pelos BIs de Artes, Ciências, Humanidades e Saúde e pela “Área Básica de Ingresso (ABI)” para os BI ou LI; o Segundo e o Terceiro Ciclos de Formação compreendem, respectivamente, às modalidades de Graduação Profissional e Pós-Graduação.

- **Regime letivo quadrimestral** – o regime quadrimestral, com período letivo de 72 dias e um total de 216 dias letivos no ano, permite que os cursos da UFSB sejam mais rápidos, intensivos e focalizados, que ocorra uma maior flexibilidade para projetos acadêmicos e de formação profissional dos estudantes, docentes e técnicos, a otimização de recursos (equipamentos, instalações e recursos financeiros) para a eficiência acadêmica, e o intercâmbio com importantes universidades internacionais que têm implantado regimes letivos similares há décadas.
- **Intenso uso de tecnologias digitais de ensino-aprendizagem** - a UFSB utilizará conteúdos de conhecimento e experiências pedagógicas em espaços não-físicos e situações não-presenciais através dos chamados Recursos Educacionais Abertos, que incluem dispositivos e ambientes virtuais de aprendizagem, compreendendo novas tecnologias de interface digital (games, sites, blogs, redes sociais, dispositivos multimídia, entre outros) e meios interativos de comunicação por redes digitais ligadas em tempo real; esses ambientes potencializarão e permitirão a superação dos limites físicos e institucionais do ambiente escolar tradicional.
- **Pluralismo pedagógico** - as práticas pedagógicas da UFSB consistem principalmente nos seguintes elementos: aprendizagem por problematização, em especial a aprendizagem baseada em problemas concretos; equipes de aprendizagem ativa, com colaboração do conhecimento interpares; estratégias de aprendizagem compartilhada, com compartilhamento da vivência pedagógica de sínteses de conhecimentos mediante corresponsabilização dos estudantes; articulação interciclos de processos de ensino-aprendizagem, através das equipes; conselhos consultivos, formados com participação de membros representativos da comunidade; e competências socialmente referenciadas, onde as atividades acadêmicas serão desenvolvidas com a participação da sociedade civil (conselho consultivo) na solução de problemas comunitários reais.

Para atender ao modelo pedagógico da UFSCB, a estrutura institucional da Universidade conta com três esferas de organização, correspondendo a ciclos e níveis de formação (ver Plano Orientador da UFSCB):

- **Colégio Universitário (CUNI)** – implantados em escolas da Rede Estadual de Ensino Médio Público em municípios da área de abrangência dos Câmpus, são programas descentralizados de ensino superior de primeiro ciclo, organizados em rede (institucional e digital), mediados por tecnologia e transmitidos a partir dos Câmpus Universitários.
- **Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC)** – implantados em todos os Câmpus da UFSCB, são unidades universitárias responsáveis pela oferta de cursos de graduação em primeiro ciclo de formação nas modalidades BI e LI. Como citado anteriormente, prevê-se entrada geral e única na UFSCB através dos cursos de Primeiro Ciclo do IHAC.
- **Centro de Formação Profissional e Acadêmica (CF)** – implantados em todos os Câmpus da UFSCB em forma de temáticas específicas de habilitações profissionais; são responsáveis pelos cursos de segundo e terceiro ciclos de formação nas diversas áreas de conhecimento. No Câmpus Jorge Amado/Itabuna tem-se o CF em Tecno-Ciências e Inovação, CF de Políticas Públicas e Tecnologias Sociais, e o CF em Ciências e Tecnologias Agroflorestais; no Câmpus Sosígenes Costa/Porto Seguro, o CF em Ciências Ambientais, o CF em Artes e o CF em Ciências Humanas e Sociais; e no Câmpus Paulo Freire/Teixeira de Freitas, o CF em Ciências da Saúde e CF em Desenvolvimento Territorial.

3.4 MARCO PEDAGÓGICO CONCEITUAL DA UFSCB

O projeto institucional e político-pedagógico da UFSCB está alicerçado nos seguintes marcos conceituais a saber: Universidade Popular de Anísio Teixeira; Pragmatismo de John Dewey; Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire; Ecologia dos saberes de Boaventura Santos; Inteligência Coletiva de Pierre Lévy Geografia Nova de Milton Santos ; Pedagogia da Afiliação de Alain Coulon.

O Plano Orientador da UFSCB explicitou problemas e dilemas a serem enfrentados pela Universidade, de modo a apresentar propostas e soluções institucionais capazes de superar os impasses provocados pela tendência de afiliação socialmente seletiva ainda predominante nos modelos vigentes de Universidade, na formação social do Brasil contemporâneo. Concebida, criada e desenvolvida na ambiguidade de ser, ao mesmo tempo, tradicional e inovadora, elitista e emancipadora, efetiva e afetiva, somente conhecendo suas condições objetivas de existência e as demandas sociais concretas a que deve responder, construirá a UFSCB um conceito próprio e socialmente referenciado de eficiência acadêmica. Nesse sentido, conforme demonstrado em seu plano orientador, a instalação da UFSCB necessitou do entendimento, de modo plural e complexo, do contexto pessoal, social, político, econômico e cultural em todos os níveis, do mais global ao mais local, como base para analisar sua atuação, seus compromissos, sua missão institucional, enfim, seu papel na transformação da sociedade baiana e brasileira.

4 JUSTIFICATIVA DE OFERTA DO CURSO DE BACHARELADO EM PRODUÇÃO CULTURAL

1. Compreendendo os ramos das tecnologias ligadas à cultura e à sociedade, este curso propõe responder a uma demanda da própria criação da UFESB, ampliando o escopo da UFESB, que tem sua atuação em diversos ramos da tecnologia e da inovação, seja no campo das tecnologias para o setor produtivo convencional, como no setor produtivo da Economia da Cultura, termo já muito desenvolvido em países como a Inglaterra, os Estados Unidos e também no México. Compreender a transferência de tecnologias culturais e sociais como parte importante do desenvolvimento da região adequa-se ao entendimento desta Universidade, no qual este grupo de docentes está inserido e, seguindo seu compromisso ético com os valores da instituição, responde a estas demandas. Isso denota que, citando Negri e Cocco (2006), o campo cultural, com toda a sua diversidade que envolve o tema, “não só exerce um peso grande sobre a economia, mas é a própria economia que, cada vez mais”, em seu conjunto, “depende das mais diversas dimensões da cultura”.

2. Desde 2015, as ideias sobre a formulação deste curso de Bacharelado foram apresentadas ao Decanato do CFCTI. Num primeiro momento, houve algumas discussões no centro de formação, realização de enquetes e visitas a espaços culturais, a grupos e coletivos que trabalham diretamente com a perspectiva da cultura e das ações sociais e, em seguida, também foi apresentada uma primeira proposta em Seminários Pedagógicos. O grupo de docentes que primeiramente realizou a proposta de criação do BPC (Cynthia Barra, Felipe de Paula e Rafael Guimarães) decidiu realizar contatos com artistas e produtores da região para levantamento de demandas, passando a participar de Conselhos de Cultura da região, Conselhos de atuação junto a espaços culturais públicos, representando a UFESB nestes conselhos, e

propôs a realização de estudos junto a empreendedores culturais e sociais, para então, neste momento, organizar esta proposta. Em 2017, foi criada esta Comissão que apresentou este PPC ao CFTCI, não tendo recebido o parecer do mesmo, e portanto agora reapresenta ao CFPPTS. Importante salientar que a Comissão está embasada em uma trajetória de três anos de trabalho, e que traz neste documento documentos de apoio da comunidade sulbaiana.

4. Diversos centros ligados às tecnologias, no Brasil, têm compreendido o movimento mundial de um entendimento mais ampliado de tecnologias. Com o desenvolvimento das sociedades industriais, a produção cultural chega a ser chamada de indústria criativa, como no caso da Inglaterra. No nosso país, muitos Institutos Federais de Ciência e Tecnologia têm trabalhado no sentido da ampliação deste entendimento, como é o caso, por exemplo, do IFRN. Também, a UFPR conta já com um Curso de Tecnologia em Produção Cênica, assim como outras Universidades, como a UEG. Dois cursos já consolidados existem na UFF e na UFBA, com características um pouco distintas do que propomos aqui, entretanto, a área vem também ganhando destaque em propostas no Centro de Tecnologias da UFRJ, mesmo ainda não possuindo curso de graduação. Na área de gestão e tecnologias sociais, um dos eixos de nosso curso, a UFRN possui um curso já muito bem estabelecido.

Queremos colocar, com isso, que há um movimento nacional de abertura a estes temas, com os quais dialogamos a fim de responder a uma demanda de empregabilidade, empreendedorismo cultural e social da região, ampliando o entendimento de tecnologias, contribuindo, assim, com a razão de ser de uma Universidade. Esta região, como sabemos, é muito marcada por um abandono de políticas públicas sociais e formar profissionais nesta área gera fortalecimento das tecnologias culturais e sociais, transferindo conhecimento e oferece a formação técnica necessária aos empreendedores que não a possuem, dialogando com muitas áreas da cultura, como espetáculos, exposições, eventos, turismo, gastronomia, empreendedorismo social, políticas sociais públicas, etc.

Na Pós Graduação, diversas Universidades têm se dedicado aos estudos sobre economia criativa e tecnologias sociais, como é o caso da Universidade

Federal de Lavras, Universidade Federal da Bahia, Universidade de São Paulo e nesta Universidade já estamos com processo em andamento do PPG em Tecnologias e Culturas, em nível de Mestrado Acadêmico, cujo corpo docente estruturante é composto por membros desta Comissão em relação com outras áreas do conhecimento, o que fortalece o seguimento para estes estudantes aqui formados neste curso, para o terceiro ciclo. Num primeiro momento (2018), tivemos a proposta de PPG não aprovada por conta do critério de produção acadêmica, ainda que o projeto tenha sido bem avaliado pela Comissão na CAPES. O grupo se dedicou, em 2019, a viabilizar a proposta, reestudando a possibilidade de envio na Modalidade de Mestrado Profissional e posterior Doutorado Profissional, mais adequado à Área e ao Perfil Docente.

5. O curso possibilita a entrada de pessoas formadas em outros Bis e Lis que buscam formação profissionalizante e não se identificam com os cursos apresentados no Campus, com empregabilidade na região, tendo em vista os dados apresentados. Sabemos, por levantamentos informais, bem como seguimentos com estudantes, por exemplo, advindos das licenciaturas e de bacharelados interdisciplinares, sobre a sua dificuldade em deslocar-se a outros *campus*, bem como o desinteresse em realizar formação em engenharias no segundo ciclo. A evasão no campus é enorme e é um compromisso ético que o campus aproveite seu quadro docente atual, bem como o fortaleça com o que for necessário, para responder a isso. Uma das características desta Universidade é a de buscar a inclusão, e a inclusão só será possível se respondermos às características culturais e sociais da região. Este curso, além de fortalecer o empreendedorismo existente, ainda carente de formação técnica, como exposto, irá gerar a abertura de novos campos de trabalho cultural e social, e também irá desenvolver pesquisas sobre os rumos da economia da cultura nesta região.

4.1 Histórico e Justificativa para implantação dos Cursos ligados às tecnologias no Campus Jorge Amado

As discussões sobre a definição das modalidades de cursos de 2º Ciclo a serem ofertados na UFSB iniciaram-se logo no início de suas atividades, quando foram definidas as equipes docentes de cada Centro de Formação (Decanos e membros Docentes com interesse de atuação no Centro), as quais foram sendo atualizadas na medida em que o corpo docente se ampliava. Essas discussões foram realizadas em reuniões com a comunidade acadêmica da UFSB e do CFTCI, além de consultas públicas em instituições da região, quando foi sinalizada uma série de cursos com potencial de implantação, especialmente em função do perfil docente da UFSB, de estudos técnicos e das demandas local, regional e nacional. No CFTCI, especificamente, foram destacados os cursos de Engenharia de Agrimensura e Cartográfica, Engenharia de Controle e Automação, Engenharia de Logística em Transportes, Engenharia Sanitária e Ambiental, Engenharia Ambiental e Urbana, e Engenharia de Processos com Ênfase em Alimentos e Biotecnologia e, também, a criação do Curso na área de Produção Cultural.

Considerando tanto o processo de afiliação no CFTCI como o registro desde 2015 nos Seminários Pedagógicos desta demanda, criou-se a Comissão de Implantação do Curso em 2017. Com base na interação dos membros da referida comissão nas realidades culturais e artísticas da região, destaca-se a necessidade premente na formulação do PPC a fim de garantir inserção e empregabilidade de produtoras/es culturais e agentes de gestão cultural e tecnologias culturais.

Neste momento de reestruturação da UFSB, o encaminhamento deste processo ao CFPPTS torna-se uma necessidade, que já é da comunidade, como é verificável nas cartas de apoio já recebidas e também para a estruturação da Unidade Acadêmica.

5 OBJETIVOS DO CURSO

5.1 OBJETIVO GERAL

O Bacharelado em Produção Cultural tem como objetivo geral prover profissionais inovadores, criativos, qualificados tecnicamente, ambientalmente e socialmente, ao atendimento das demandas atuais e futuras para produção cultural nos eixos gestão e logística cultural e das tecnologias sociais; produção cultural e tecnologias do espetáculo, e desenvolvimento de tecnologias sociais.

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Formar profissionais capazes de atuar crítica e criativamente considerando os aspectos éticos, humanísticos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais, em atendimento às demandas atuais e futuras da sociedade em seus campos de atuação profissionais.
- Contribuir na construção e consolidação do Modelo Institucional, valorizando sua responsabilidade com a região onde se encontra, bem como com o da UFSB, que prevê a criação de em programa permanente de promoção de práticas de sustentabilidade.
- Formar profissionais capazes de desenvolver ações de empreendedorismo social, econômico e ambiental e inovação em produção cultural e tecnologias sociais, com capacidade de gestão de Coletivos Culturais, Grupos Artísticos, Organizações Não-Governamentais, instituições públicas e empresas;
- Formar profissionais comprometidos com o desenvolvimento dos territórios e das forças locais no âmbito cultural e artístico, capazes de desenvolver,

na interação com a comunidade, produtos, técnicas e metodologias reaplicáveis, que representem efetivas soluções de inclusão e transformação social;

- Formar profissionais capazes de compreender e avaliar os impactos sociais, econômicos, ambientais e político-institucionais resultantes da atividade cultural.
- Promover nos futuros profissionais o estímulo à pesquisa e o desenvolvimento de novos produtos e projetos culturais.

6 ACESSOS AO CURSO

6.1 FORMA DE ACESSO AO CURSO

O acesso ao curso Bacharelado em Produção Cultural é possível por meio do ingresso direto pelo Sistema de Seleção Unificada (SiSU), utilizando a nota do Enem, e pelos processos de progressão dos cursos de Primeiro Ciclo para os cursos de Segundo Ciclo na UFSB, de acordo com as Resoluções vigentes na instituição, que estabelecem critérios de progressão dos/as egressos/as de Bacharelados Interdisciplinares ou Licenciaturas Interdisciplinares para Cursos de Segundo Ciclo.

Os processos seletivos de egressos/as de cursos do Primeiro Ciclo para cursos de Segundo Ciclo ocorrem com base em editais elaborados e divulgados pela Pró-reitoria de Gestão Acadêmica da UFSB. São elegíveis para inscrição neste processo de seleção:

- Estudantes que tenham concluído o curso de Primeiro Ciclo na UFSB até o momento da inscrição no processo seletivo; e
- Portadores/as de diplomas de Bacharelados Interdisciplinares, Licenciaturas Interdisciplinares ou outros diplomas outorgados por

instituições de ensino superior participantes de convênios ou acordos de cooperação com a UFSB. Esses/as alunos/as deverão cursar ou convalidar componentes do Primeiro Ciclo da UFSB que fazem parte da matriz curricular do curso, aproveitando o que for possível da sua formação anterior, conforme Resolução de Aproveitamento de Estudos e Dispensa por Equivalência da UFSB.

- Outras possibilidades de acesso ao curso, como transferência de estudantes de outras instituições, devem obedecer às normativas vigentes na UFSB.

6.2 REGIME DE MATRÍCULA E INSCRIÇÕES EM COMPONENTES CURRICULARES

A dinâmica e os procedimentos para a realização da matrícula em Componentes Curriculares de Cursos do presente PPC são os mesmos adotados oficialmente para todos os cursos da UFSB, conforme o calendário acadêmico, destacando a adoção do regime quadrimestral e a liberdade do estudante para delinear seu percurso formativo, através de escolhas de componentes curriculares optativos, conforme previsto no perfil do currículo do curso.

Atualmente, o documento que normatiza o processo de inscrições em componentes curriculares consiste nas Resoluções nº 18/2018 e 29/2019.

7 PERFIL DO EGRESSO

Neste capítulo serão descritos o Perfil do Egresso, a Matriz de Habilidades, Competências e Atitudes, os Campos de Atuação e Competências Profissionais, e as Atribuições para as atividades profissionais dos cursos previstos no presente PPC.

7.1 PERFIL DO EGRESSO BPC

As/Os estudantes egressas/os do BPC terão sólida formação profissional, científica, tecnológica, cultural, humanística, econômica, política, crítica, reflexiva, ética, moral, ambiental e jurídica, capazes de conceber, planejar, implantar, gerenciar e monitorar os serviços prestados à sociedade nos seus respectivos campos de atuação profissional, além de absorver e desenvolver novas soluções técnico-científicas para melhoria dos serviços em atendimento às demandas da sociedade. A UFSB formará profissionais com visão inter-multi-disciplinar capazes de atuar individualmente e em equipe, comprometidos com a aplicação de práticas de sustentabilidade social, cultural e ambiental, além do espírito empreendedor e inovador.

O profissional graduado poderá atuar em instituições públicas, organizações privadas, agências reguladoras, organizações não governamentais, poder público federal, estadual e municipal, ensino e pesquisa, concessionárias de serviços públicos, empresas do setor cultural, e também como profissional autônomo.

7.2 MATRIZ DE HABILIDADES, COMPETÊNCIAS E ATITUDES

Especificamente ao BPC da UFSB, destaca-se as seguintes habilidades e competências:

- Empreender na concepção e administração de grupos e coletivos culturais e artísticos;
- Inovar, com concepção e desenvolvimento de tecnologia e inovação em produção cultural e tecnologias sociais;
- Conhecer, interagir e influenciar nos processos decisórios de agentes e instituições, na gestão de políticas setoriais;

- Identificar e resolver problemas de maneira crítica e criativa, considerando seus aspectos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais, com visão ética e humanística, em atendimento às demandas da sociedade;
- Compreender e traduzir as necessidades de indivíduos, grupos sociais e comunidade, com relação aos problemas atinentes às áreas de produção e gestão culturais e das tecnologias sociais.

7.3 CAMPOS DE ATUAÇÃO E COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS

O campo de atuação do profissional formado em Produção Cultural, como se pode notar, é vasto, envolvendo o planejamento, a elaboração e a execução de projetos e produtos culturais, incluindo tecnologias sociais, considerando critérios artísticos, sociais, ambientais, políticos e econômicos. Segundo o SEBRAE- Bahia (2016)

o entendimento sobre produzir cultura, pois turismo, eventos, entretenimento, tecnologia de informação (desenvolvimento de software), games, comunicação, marketing, mercado editorial, publicidade, gastronomia, moda, design, novas tecnologias de informação e comunicação (hardware e software para conexão com Internet), teatro, cinema, música, artes plásticas, dança, museologia, entre outras atividades, são consideradas como produção de cultura.

Especificamente, esse profissional pode conceber, organizar e executar projetos artísticos e culturais, como espetáculos de teatro, dança e música, produções televisivas, festivais, mostras e eventos. Assim, suas ações envolvem todas as etapas, desde a captação de recursos à realização final. Como produtor executivo, elabora o orçamento do projeto, define cronogramas e busca recursos para a montagem da obra. Pode trabalhar diretamente com artistas ou com organizações e empresas públicas ou privadas, ou ONGs voltadas para a área cultural.

Também pode atuar junto à política de investimentos no setor, analisando as propostas de patrocínio cultural e verificando sua adequação ao perfil da instituição ou empresa. Atua, ainda, no gerenciamento de órgãos públicos culturais e instituições, elaborando políticas para a arte e a cultura municipal ou estadual. Finalmente, pode atuar fomentando e desenvolvendo, na interação com a comunidade, as forças locais no âmbito cultural e artístico, no sentido de fortalecer empreendimentos solidários de produção cultural. Segundo o SESI Paraná (2007, p.11):

A cultura é um dos aspectos fundamentais para o desenvolvimento de um povo de determinada região. Pressupõe que, além de promover o crescimento humano, a cultura deve ser considerada como fonte de riqueza e geradora de empregos. A diversidade e a pluralidade cultural, a memória histórica, a criação artística e a comunicação humana são elementos indispensáveis ao desenvolvimento do homem. Cabe ao Estado atuar como indutor e regulador das iniciativas culturais, e não apenas como patrocinador ou executor de projetos de difícil trânsito no marketing cultural, mediante a utilização de fundos públicos. A atuação do Estado deve ser no sentido de abrir espaços à cultura, uma conquista cidadã e um direito de todos.

O lugar da cultura é o de propiciar o acesso a arte, o desenvolvimento da sociedade, podendo através dela humanizar espaços sociais, reconstruindo memória e história de um povo. Cabe ao governo proporcionar ao povo o acesso à cultura.

A despeito de ser um curso de Bacharelado relativamente novo no Brasil, desfruta de um mercado de trabalho bastante promissor. De um lado, por exemplo, as oportunidades podem surgir a partir da demanda de produtoras de vídeo e de música e de empresas que organizam eventos culturais, festivais, mostras e shows. De outro, as secretarias municipais e estaduais da cultura e fundações normalmente oferecem vagas com a finalidade de montar equipes para pensar políticas culturais em suas gestões. Há ainda o segmento da iniciativa privada, que contrata o profissional para programar eventos variados e planejar projetos culturais. Também existe a demanda para contribuir nas ações de preservação e revitalização do patrimônio cultural. Finalmente, existem as ONGs que buscam esse Bacharel para planejar e executar projetos sociais ligados à educação e cultura e ele também pode atuar em ensino,

pesquisa e extensão no magistério superior na área de Produção Cultural e áreas afins (Guia do Estudante da ABRIL, 2010).

Incluímos, na concepção deste curso, o espaço próprio de nossa região: as comunidades tradicionais e as organizações sociais. Marcadas pelo processo de invisibilização próprio da história desta região, as demandas culturais em espaços de resistências tomam fôlego e conformam-se como prática econômica e de sobrevivência para muitas/os empreendedores no Litoral Sul da Bahia, entretanto não existe formação em curso superior que atenda estas demandas. Como aponta Eli Izidro dos Santos, na primeira dissertação sobre economia criativa da região, "FATORES DETERMINANTES DA OFERTA DE EMPREENDEDORES: aplicação de um modelo estrutural para entendimento da propensão ao empreendedorismo criativo em Ilhéus e Itabuna", defendida no programa de Mestrado em Economia e Desenvolvimento Regional e que, inclusive, só foi possível porque o autor compõe um dos grupos artísticos institucionalizados mais antigos da região, o Teatro Popular de Ilhéus, apenas 13% das pessoas empreendedoras realizaram algum tipo de formação além da graduação, 27% possui seu próprio empreendimento cultural, a maioria de pequeno porte, 7% trabalha em ONG e 56% dos empreendimentos existem há mais de 10 anos, tendo funcionado, a partir de suas práticas, como incubadores de novos atores e atrizes deste processo.

A diversidade cultural da região é um fenômeno a ser destacado e que, pela característica da UESC ser voltada às áreas biológicas e agrárias, num primeiro momento, levou ao enfraquecimento das relações da academia com estas manifestações.

7.4 ATRIBUIÇÕES PARA AS ATIVIDADES PROFISSIONAIS

- As atividades profissionais do Profissional de Produção Cultural estão descritas segundo as Leis:
- Lei Federal 6533/1978

- Decreto Federal 83385/1978
- O pedido para registro profissional, após o término do curso, deve ser realizado pela/o interessada/o na Delegacia Regional do Trabalho ou no SATED: Sindicato de Artistas e Técnicos de Espetáculos.

8 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

8.1 FUNDAMENTAÇÃO LEGAL

A arquitetura curricular do Curso de Produção Cultural da UFSCB foi desenvolvida em função do arcabouço legal determinado pelo Governo Federal e do modelo pedagógico da UFSCB.

Arcabouço Legal:

- Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e o Decreto Regulamentador nº 4.281, de 25 de junho de 2002.
- Decreto nº 4.281, de 25 de junho de 2002, que Regulamenta a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e dá outras providências.
- Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabeleceu as “Diretrizes e Bases da Educação Nacional” e determinou um prazo para a elaboração das Diretrizes Curriculares para todos os cursos de graduação.
- Decreto nº 5.622, que regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.
- Parecer do CNE/CES nº 266/2011, de 5 julho de 2011, que aprovou os Referenciais Orientadores para os Bacharelados Interdisciplinares e Similares das Universidades Federais.

- Resolução CNE/CES nº 03, de 02 de julho de 2007, que dispõe sobre procedimentos a serem adotados quanto ao conceito de hora-aula.
- Resolução CNE/CES nº 01, de 17 de junho de 2004, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.
- Plano Orientador da UFSB. 2014.⁴
- Carta de Fundação e Estatuto⁵ da UFSB. 2020.
- Resolução nº 16/2015⁶ da UFSB, que Regulamenta Atividades Complementares nos cursos de Primeiro e Segundo Ciclos da Universidade Federal do Sul da Bahia.
- Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação presencial e à distância⁷
- Portaria SESu/MEC nº 383, de 12 de abril de 2010. Referenciais Orientadores para os Bacharelados Interdisciplinares e Similares.
- Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

⁴ <http://www.ufsb.edu.br/planoorientador/>.

⁵ https://www.ufsb.edu.br/images/Resolu%C3%A7%C3%B5es/2020/Resolu%C3%A7%C3%A3o_n%C2%BA_16_-_Disp%C3%B5e_sobre_altera%C3%A7%C3%B5es_no_Estatuto_da_UFSB.pdf

⁶ <http://www.ufsb.edu.br/resolucoes/>.

⁷ <https://drive.google.com/drive/folders/0BysG8Q-gffXEa0lVnNlNYURCR28>.

- Parecer CNE/CES nº 003, de 10 março de 2004, que estabelece Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.
- Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.
- Resolução nº 1 do CNE/CES, de 17 de junho de 2004, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.
- Resolução nº 1 do CNE/CES, de 30 de maio de 2012, que estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos.
- Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, e dá outras providências.
- Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e dá outras providências.
- Portaria Normativa nº 40, de 12 de dezembro de 2007, que institui o e-MEC, o Cadastro e-MEC de Instituições e Cursos Superiores, e dá outras providências.
- Resolução nº 1, de 17 de junho de 2010, que normatiza o Núcleo Docente Estruturante e dá outras providências.

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Superior. Referenciais Orientadores para os Bacharelados Interdisciplinares e Similares.2010.⁸
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Decreto no 9.057, de 25 de maio de 2017. Regulamenta o art. 80 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.⁹
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. LEI Nº 13.005, DE 25 DE JUNHO DE 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências.¹⁰
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução n. 2, de 18 de junho de 2007. Dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial.¹¹
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Resolução n. 7, DE 18 DE DEZEMBRO DE 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação – PNE 2014 -2024 e dá outras providências.¹²

⁸http://reuni.mec.gov.br/images/stories/pdf/novo%20%20bacharelados%20interdisciplinares%20%20referenciais%20orientadores%20%20novembro_2010%20brasilia.pdf

⁹http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9057.htm#art24

¹⁰http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm

¹¹http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2007/rces002_07.pdf

¹²http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192

- Plano Nacional de Cultura, criado pela Lei nº 12.343, de 2 de dezembro de 2010 e à Emenda Constitucional nº 71/2012 que estabelece a estrutura do Sistema Nacional de Cultura.

8.2 ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS

A metodologia de ensino-aprendizagem do BPC está baseada no Marco Pedagógico Conceitual da UFESB, tais como Pedagogia Baseada em Problema Concreto, Equipes de Aprendizagem Ativa, Estratégias de Aprendizagem Compartilhada, Conselho Consultivo e Competência Socialmente Referenciada.

8.2.1 Instrumentos Pedagógicos da UFESB para realização do Método Pedagógico

A seguir são apresentados os instrumentos pedagógicos modernos e inovadores utilizados na realização do Método Pedagógico, os quais são baseados no Marco Pedagógico Conceitual da UFESB, descrito com detalhes no Plano Orientador da UFESB (descritos anteriormente no presente PPC):

- **Equipe de Aprendizagem Ativa.** As Equipes de Aprendizagem Ativa consistem em grupos de estudantes de diferentes ciclos de formação e períodos de ingresso nos cursos, montadas para desenvolvimento das atividades didáticas dos cursos, monitoradas por pós-graduandos no âmbito dos estágios docentes, e supervisionadas por docentes.
- **Estratégia de Aprendizagem Compartilhada.** Trata-se de um regime de divisão das responsabilidades do processo pedagógico interpares, onde, em uma mesma Equipe de Aprendizagem Ativa, os membros mais antigos

no curso cumprem o papel de tutores (coeducadores) para membros mais novos.

- **Espaço de Diversidade.** São espaços constituídos e ocupados por grupo de estudantes de Equipes de Aprendizagens Ativas de diferentes cursos, períodos letivos e ciclos de formação, com objetivo de resolver problemas acadêmicos intermultidisciplinares, em atividades dentro ou fora da Universidade.
- **Aprendizagem Baseada em Problemas Concretos.** Consiste de uma fusão entre o PBL (*Problem-Based Learning*) clássico e o aprendizado por estudo de caso, e permite maior interação entre estudantes e destes com o supervisor docente, os monitores pós-graduandos e os tutores estudantes, contribuindo para o desenvolvimento de atitudes voltadas para o trabalho em equipe.
- **Conselho Consultivo.** Os Conselhos Consultivos dos cursos de graduação serão compostos por membros da Universidade e por representantes de segmentos sociais (associação de bairros, empresários, intelectuais, artistas, etc.), os quais abrirão e ampliarão os diálogos com a comunidade intra-extrauniversitária e poderão viabilizar parcerias com organizações da sociedade civil para resolução dos problemas sociais reais.
- **Competência Socialmente Referenciada.** Os problemas concretos propostos nas atividades serão baseados em problemas sociais reais, no contexto do desenvolvimento de competências socialmente referenciadas, com ampliação de diálogos com a comunidade intra e extrauniversitárias.
- **Articulação interciclos.** A composição das Equipes de Aprendizagem Ativas com estudantes de diferentes ciclos de formação, como estudantes, monitores e tutores, com aplicação das Estratégias de Aprendizagem

Compartilhada, permitirão a articulação entre os cursos de graduação pós-graduação, através das atividades baseadas em problemas concretos.

- **Articulação de diferentes ambientes de aprendizagem.** Distintos ambientes de aprendizagem serão relacionados, como espaços físicos universitários, espaços externos de aulas práticas e visitas técnicas, e espaços virtuais (materiais e tecnologias de ensino-aprendizagem).
- **Compromisso de Aprendizagem Significativa.** Documento individual de um contrato coletivo, pactuado entre educandos-educadores, materializados em um termo de “Compromisso Pedagógico”, com direitos, deveres e responsabilidades, onde se identifica, define e registra o conjunto de elementos, critérios e parâmetros norteadores dos processos pedagógicos realizados na UFSCB.

8.2.2 Estrutura Curricular

A seguir é apresentada a estrutura curricular do Curso de Bacharelado em produção Cultural da UFSCB:

- **Eixos Temáticos de Conteúdo** - compostos por componentes curriculares agrupados e distribuídos em função de conhecimentos, habilidades e competências necessários ao desenvolvimento de atribuições dos campos de atuação profissional do curso, apresentados no presente PPC, sendo que a abrangência dos conteúdos deve permitir interconexões no contexto da interdisciplinaridade.
- **Espaço de Convivência Pedagógica** - ambiente de estudo em grupo no qual os estudantes terão autonomia para definição das atividades (pesquisa bibliográfica, práticas de campo e laboratoriais, etc.) a serem desenvolvidas no âmbito dos projetos integradores, em Equipes de

Aprendizagem Ativas compostas por estudantes de diferentes ciclos de formação e períodos de ingresso, sob supervisão de docentes, monitoria de pós-graduandos e tutoria de estudantes mais antigos (Estratégias de Aprendizagem Compartilhada).

8.2.3 Análises do Método Pedagógico

A integração dos instrumentos pedagógicos do método pedagógico permitirá a operacionalização dos Marcos Pedagógicos Conceituais estabelecidos pela UFESB ao desenvolvimento dos Projetos Socialmente Referenciados. A seguir serão realizadas análises do método pedagógico à luz desses marcos conceituais:

- **Autonomia do estudante no processo de Ensino-Aprendizagem**

Com os Projetos Socialmente Referenciados, nota-se, portanto, nova postura pedagógica, onde, o estudante não apenas vai à Universidade para obter conhecimento, mas, também, para resolver problemas da sociedade em que estão inseridos. Com isso, ao mesmo tempo em que absorvem e desenvolvem o conhecimento, os estudantes assimilam os princípios da responsabilidade socioambiental, se tornando sujeitos ativos socialmente, adquirindo pleno conhecimento de suas contribuições e importâncias para a sociedade. Em termos gerais, os estudantes se sentirão responsáveis por aqueles problemas a serem resolvidos, tal como ocorrerá em sua vida profissional, e essa responsabilidade permitirá a inversão na lógica do processo de ensino-aprendizagem, no qual, em função das habilidades e competências necessários ao desenvolvimento dos projetos, os estudantes terão autonomia para definição: i) das formas de obtenção do conhecimento para o desenvolvimento dos Projetos Integradores Modulares, nos Espaços de Convivência Pedagógicas (Pedagogia da Autonomia, de Paulo Freire); e ii) de seus percursos formativos, onde levarão em conta seu planejamento pessoal de desenvolvimento das atividades (Inteligência Coletiva, de Pierre Lévy).

- **Integração Social na relação Universidade-Sociedade**

O processo de construção da Integração Social fomentada pelo método pedagógico pode ser analisada sob dois pontos de vista principais: i) da Universidade para a Sociedade: com a valorização da importância da participação dos estudantes no desenvolvimento de Projetos Socialmente Referenciados, baseados em problemas concretos da sociedade, nas Equipes de Aprendizagem Ativa; e, ii) da Sociedade para a Universidade: com o reconhecimento, através dos Conselhos Consultivos, do importante papel da comunidade acadêmica expandida na resolução dos problemas concretos da sociedade. Esses dois pontos de vista demonstram formas de aproximação da Universidade com os cidadãos, individualmente ou coletivamente organizados, especialmente grupos que tradicionalmente se mantiveram distantes do processo educacional. Com isso, potencializa a “Ecologia dos Saberes”, definida por Boaventura Santos e operacionalizada pelos Conselhos Consultivos, na relação Universidade-Sociedade, onde, cada membro de uma comunidade poderá ter a diversidade de suas competências reconhecida, mesmo as que não foram validadas pelos sistemas escolares e universitários tradicionais.

- **Pedagogia da Afiliação ao Método Pedagógico**

Além das fases de afiliação nas quais os estudantes ingressos da estrutura de Ensino Superior tradicional estão submetidos, bem definidas na Pedagogia da Afiliação de Alain Coulon (choque cultural, assimilação e afiliação), a adesão dos estudantes ao moderno método pedagógico da UFESB deve permitir, ainda, o alcance de demandas específicas: adesão aos espaços de convivência pedagógicas; autonomia na busca pelo conhecimento e na escolha de seu percurso formativo; capacidade de participação, integração social, solidariedade e colaboração interpares nas atividades em equipe; e responsabilidade e mobilização social nas atividades dos projetos integradores. Essas demandas exigem regras minimamente estabelecidas para que os estudantes possam desenvolver plenamente suas atividades individuais e em equipes, tais como

cronograma individualizado e de grupo, controle de suas condições operacionais, principalmente condições normativas e formais.

- **Territorialidade, Inter-Transdisciplinaridade e Interculturalidade**

O marco conceitual estabelecido pelo pensamento de Milton Santos, que articula os conceitos de territorialidade, inter-transdisciplinaridade e multiculturalismo ao referencial geopolítico crítico, será crucial como fonte de diretrizes e práticas aos Projetos Socialmente Referenciados, notadamente nas intervenções territoriais a serem realizadas. O Projeto Integrador Modular terá tema transversal a diversos componentes curriculares de um determinado Módulo Temático de Conteúdo, em um específico curso de graduação, no contexto da inter-transdisciplinaridade, sendo desenvolvido no Espaço de Convivência Pedagógica. No entanto, os projetos poderão envolver a solução de problemas territoriais de abrangência e complexidade necessárias a várias áreas do conhecimento, no contexto do multiculturalismo; nesse caso, o projeto pode envolver vários cursos de graduação e pós-graduação, nos Espaços de Diversidade – esses, constituídos e ocupados por Equipes de Aprendizagem Ativa de diferentes cursos, engajados em ações integrativas, dentro da própria instituição ou em trabalhos de campo. Assim, perspectivas e soluções que subsidiam o método pedagógico compõem um projeto acadêmico orientado pela Territorialidade, Intertransdisciplinaridade e Interculturalidade, além da Sustentabilidade.

8.2.4 Institucionalização do Método Pedagógico - Carga horária semanal e Sistema de Creditação

Para institucionalizar o método pedagógico, a arquitetura curricular do curso contemplará 20 horas de aulas por semana, sendo 20% de atividades extraclasse, durante os 06 primeiros quadrimestres do 2º Ciclo. Os dois últimos quadrimestres serão destinados aos estágios supervisionados e ao Trabalho

de Conclusão de Curso. Os Componentes Curriculares de 60h por quadrimestre correspondem a 4 créditos, os de 30h a 2 créditos.

8.3 ESTRUTURA CURRICULAR

8.3.1. Eixos de Conteúdo e Atividades dos Cursos

Os Componentes Curriculares dos eixos de conteúdo poderão ser dispostos em atividades teóricas e práticas, individuais ou em equipe, tais como:

- Participação em aulas teóricas, práticas, conferências e palestras;
- Experimentação em campo;
- Utilização de sistemas computacionais;
- Pesquisas bibliográficas;
- Visitas técnicas orientadas;
- Desenvolvimento de projetos;
- Participação em projetos de pesquisa e extensão;
- Participação em eventos acadêmicos, científicos, tecnológicos, culturais e artísticos;
- Realização de estágios supervisionados em instituições credenciadas na UFESB;
- Avaliações da aprendizagem de formas diversas, tais como provas, relatórios de visitas técnicas, listas de exercícios, elaboração de projeto, pesquisa bibliográfica, projeto final de CC etc.

Os Planos de Curso dos CCs deverão demonstrar claramente como o conjunto das atividades previstas garantirão a integração teoria e a prática, e como essas atividades contribuirão para o desenvolvimento dos

conhecimentos, habilidades e competências necessárias à sólida formação técnico-científica do engenheiro.

8.3.2 Conteúdo Curricular de Primeiro Ciclo para ingresso no Segundo Ciclo do BPC:

A Formação Geral (FG) conforme consta na Resolução 10/2020 é um “currículo comum aos cursos da UFESB composto por Componentes Curriculares obrigatórios que visam auxiliar na transição da educação básica para o ensino superior”. A FG é constituída por campos de saberes formados pelos seguintes eixos seguir: I- Artes e Humanidades na Formação Cidadã; II- Ciências na Formação Cidadã; III- Matemática e Computação; IV- Línguas Estrangeiras; V- Produções textuais acadêmicas computando 420 horas em componentes obrigatórios.

Entendendo que o BPC terá alunos de BI e LI constituídos no antigo modelo de FG (Resoluções n. 20/2015 e 22/2017) apresentamos os componentes curriculares do primeiro ciclo que o aluno poderá solicitar aproveitamento de Estudos (devidamente reconhecidos por meio de equivalência de estudos) para ingresso no BPC:

1. Experiências do Sensível
2. Universidade e Sociedade
3. Língua Território e Sociedade
4. Matemática e Espaço
5. Raciocínio Computacional
6. Matemática no Cotidiano
7. Leitura, Escrita e Sociedade
8. Desenvolvimento Regional
9. Desenvolvimento Planetário
10. Expressão Oral em Língua Inglesa
11. Compreensão e Expressão em Língua Inglesa

Teremos ainda a carga horária de 840 horas em componentes curriculares optativos de 30h ou 60h, dentre os demais oferecidos pelos BIS e Lis da UFESB, bem como os componentes dos Cursos de Segundo Ciclo da UFESB. Listamos a seguir componentes que ofertados pelas Unidades Acadêmicas poderão ser escolhidos pelos alunos do BPC como optativos:

Componentes Curriculares Optativos para BPC ofertados em cursos da UFESB	Carga horária	Curso de origem
Oficina de Textos Acadêmicos e Técnicos em Artes	60h	BI/LI Artes
Educação e Direitos Humanos	30h	LI
Educação, Gênero e Diversidade Sexual	30h	LI
Educação e Relações Étnico-Raciais	30h	LI
Educação Inclusiva	30h	LI
Bases Epistemológicas da Educação	60h	LIH
Bases Filosóficas e Epistemológicas das Humanidades	60h	LIH
Interdisciplinaridades: Teorias e Práticas	60h	LIH
Processos de Criação e Ensino-Aprendizagem em Artes	60h	BI/LI Artes
Arte, comunidades e espacialidades	60h	BI/LI Artes
Poéticas negro-descendentes	60h	BI/LI Artes
Movimentos artísticos e linguísticos dos povos pré-colombianos e diaspóricos nas Américas	60h	BI/LI Artes
Estéticas ocidentais nas Américas	60h	BI/LI Artes
Estudos sobre corpo e movimento expressivo: observação e investigação	30h	BI/LI Artes
Arte, história e historicidades nas Américas	60h	BI/LI Artes
Cinema, criação e educação audiovisual	30h	BI/LI Artes
Arte e tecnologia	60h	BI/LI Artes
Modos de escuta e criação sonora	60h	BI/LI Artes
Modos de brincar, modos de cantar, modos de contar, modos de aprender	30h	BI/LI Artes
Pedagogias da cena	60h	BI/LI Artes
Arte - artesanato – artefato	30h	BI/LI Artes
Produção cultural e arte-curadoria	60h	BI/LI Artes
Artes e Comunicação nas sociedades contemporâneas	30h	BI/LI Artes
Libras	60h	LI

8.3.3 Componentes Curriculares do Curso de Segundo Ciclo de Bacharelado em Produção Cultural - BPC

a) Componentes Curriculares Obrigatórios:

São componentes considerados obrigatórios para integralização do curso e estão descritos por eixos a seguir:

Eixo 1: Gestão e Logística Cultural e Social- 300h

Eixo 1: Gestão e Logística Cultural e Social	Carga horária
1. Políticas Culturais	60h
2. Planejamento Participativo e Gestão Cultural	60h
3. Marketing Cultural	30h
4. Gestão financeira de programas e projetos sociais e culturais	60h
5. História das manifestações artístico-culturais do sul da Bahia	60h
6. Legislação Cultural	30h
Carga horária total do Eixo 1	300h

Eixo 2: Tecnologias do Espetáculo- 300h

Eixo 1: Gestão e Logística Cultural e Social	Carga horária
1. Direção Artístico-Cultural	60h
2. Fundamentos da produção cultural	30h
3. Ambientação de espetáculos e exposições	60h
4. Design de Luz e Som	60h
5. Noções de Fotografia	30h
6. Noções de audiovisual	30h
7. Noções de design gráfico	30h
Carga horária total do Eixo 2	300h

Eixo 3: Desenvolvimento e Tecnologias Sociais- 300h

Eixo 1: Gestão e Logística Cultural e Social	Carga horária
1. Fundamentos das Tecnologias Sociais	60h
2. Políticas Sociais	60h
3. Cartografias dos Movimentos Sociais do Sul da Bahia	60h
4. Metodologias de levantamento de demandas sociais	60h
5. Produção de tecnologias sociais	60h
Carga horária total do Eixo 3	300h

b) Componentes Curriculares Optativos do Curso BPC

São componentes que deverão ser ofertados aos alunos **exclusivamente** pelo Colegiado de curso do BPC, sendo todos com 30 horas, devendo o aluno cursar obrigatoriamente **180 horas** (no mínimo) dentro deste rol:

Componentes Optativos BPC	Carga horária
1. Noções em Artes Visuais	30h
2. Tecnologias culturais e sociais para o campo	30h
3. Arte, cultura e cidade	30h
4. Legislação Social	30h
5. Empreendedorismo	30h
6. Economia da Cultura	30h
7. Computação gráfica	30h
8. Produção de eventos turísticos	30h
9. Informação e comunicação: teorias	30h
10. Noções de roteiro em audiovisual	30h
Carga horária total Optativos BPC	300h

8.3.4. Representação gráfica de um perfil de formação

Ano	Quadrimestre	Carga Horária	COMPONENTES CURRICULARES E EIXOS- FORMAÇÃO GERAL (FG)				
			Eixo I- FG	Eixo II- FG	Eixo III- FG	Eixo IV - FG	Eixo V- FG
1º	1º	300	Artes e Humanidades na Formação Cidadã (60h)	Matemática e Computação (60h)	Ciências na Formação Cidadã (60h)	Produções Textuais Acadêmicas (60h)	Línguas Estrangeiras (60h)
	2º	120	Artes e Humanidades na Formação Cidadã (60h)	Matemática e Computação (30h)	Produções Textuais Acadêmicas (30h)		
Carga horária total da Formação Geral - 420 horas							

Ano	Quadrimestre	Carga Horária	COMPONENTES CURRICULARES E EIXOS- FORMAÇÃO ESPECÍFICA (FE)					
1º			Eixo 1: Gestão e Logística Cultural e Social	Eixo 2: Tecnologias do Espetáculo		Eixo 3: Desenvolvimento e Tecnologias Sociais	Optativos	Optativos
	2º	180	Políticas Culturais (60 h)	Fundamentos da Produção Cultural (30h)	Noções de Fotografia (30h)	Fundamentos das Tecnologias Sociais (60 h)		
	3º	300	Planejamento Participativo e Gestão Cultural (60 h)	Ambientação de espetáculos e exposições (60 h)		Políticas Sociais (60 h)	Componentes optativos ofertados pelo curso BPC, ou por outros cursos da UFESB de 1º e 2º ciclos – (60h)	Componentes optativos ofertados pelo curso BPC, ou por outros cursos da UFESB de 1º e 2º ciclos – (60h)
Carga horária total do Primeiro ano do BPC= 420 horas FG + 480 horas FE= 900 horas								
2º	4º	300h	Gestão financeira de programas e projetos sociais e culturais (60 h)	Design de Luz e Som (60 h)		Cartografias dos Movimentos Sociais do Sul da Bahia (60 h)	Componentes optativos ofertados pelo curso BPC, ou por outros cursos da UFESB de 1º e 2º ciclos – (60h)	Componentes optativos ofertados pelo curso BPC, ou por outros cursos da UFESB de 1º e 2º ciclos – (60h)
	5º	300	História das manifestações artístico-culturais do sul da Bahia (60 h)	Direção Artístico-Cultural (60 h)		Metodologias de levantamento de demandas sociais (60 h)	Componentes optativos ofertados pelo curso BPC, ou por outros cursos da UFESB de 1º e 2º ciclos – (60h)	Componentes optativos ofertados pelo curso BPC, ou por outros cursos da UFESB de 1º e 2º ciclos – (60h)

		120h Atividades complementares		
CH Total	2980 horas			
Horas destinadas a Extensão	304h			
TOTAL DE HORAS DO CURSO BPC	3284h			
		LEGENDA		
		Tipos de Componentes Curriculares	PPC Cultural/ CH	% da Carga Horária
		FORMAÇÃO GERAL –EIXOS TEMÁTICOS		
		I-Artes e Humanidades na Formação Cidadã	120	
		II- Ciências na Formação Cidadã	60	
		III- Matemática e Computação	90	
		IV- Produções textuais acadêmicas	90	
		V- Línguas Estrangeiras	60	
		TOTAL FORMAÇÃO GERAL		
			420	14
		FORMAÇÃO ESPECÍFICA BPC- EIXOS TEMÁTICOS		
		Eixo 1: Gestão e Logística Cultural e Social	300	10
		Eixo 2: Tecnologias do Espetáculo	300	10
		Eixo 3: Desenvolvimento e Tecnologias Sociais	300	10
		Componentes Optativos	840	28
		Componentes optativos ofertados pelo BPC	180	6
		Estágio Supervisionado Obrigatório	400	13
		Atividades Complementares 2º ciclo	120	4
		TCC	120	4
		TOTAL FORMAÇÃO ESPECÍFICA		
			2560	86
		Carga horária total do curso		
			2980h	100
		Horas destinadas a Extensão		
			304h	10
		Carga horária total do curso incluídas as horas de Extensão		
			3284h	

9 ATIVIDADES COMPLEMENTARES

As atividades complementares visam ampliar os horizontes de uma formação profissional, proporcionando uma formação mais abrangente. As atividades complementares deverão seguir a Resolução nº 16/2015 da UFESB, que regulamenta as atividades complementares nos cursos de primeiro e segundo Ciclos da UFESB. Apresentamos a seguir sugestões de atividades complementares evidenciando que as Normas específicas de atividades complementares para o curso em tela poderão ser regulamentadas por resoluções específicas do seu colegiado.

Atividades (Para cada atividade deve ser apresentado respectivo documento comprobatório)	Pontuação
Cursos de línguas (não se computam aqui horas de Componentes Curriculares de línguas cursados)	Carga horária das atividades, limitadas a 80h
Participação em atividades artísticas e culturais (música, teatro, coral, radioamadorismo etc.)	10h por participação, limitadas a 60h
Organização efetiva de atividades artísticas e culturais	15h por atividade, limitadas a 60h
Expositor/a ou Apresentador/a em atividade artística ou cultural	15h por atividade, limitadas a 60h por quadrimestre
Participação em atividades de tutoria ou monitoria	30h por participação, limitadas a 90h
Participação em palestras, congressos, seminários técnico-científicos artísticos e culturais	Carga horária do certificado de participação, limitadas a 100h
Participação em grupos de pesquisa	Carga horária total da atividade, limitada a 10h por quadrimestre
Apresentação ou exposição de trabalhos em palestras, congressos e seminários técnico-científicos, artísticos e culturais nacionais	Carga horária do certificado de participação com apresentação limitadas a 60h

Apresentação ou exposição de trabalhos em palestras, congressos e seminários técnico-científicos, artísticos e culturais internacionais	Carga horária do certificado de participação com apresentação
Publicação de resumos em eventos de caráter técnico-científico, artístico culturais	10h por resumo publicado, limitadas a 30h por quadrimestre

10 ESTÁGIO CURRICULAR

A carga horária mínima do estágio curricular deverá ser de 400 (quatrocentas) horas, e deverá dar ao profissional uma formação prática de atuação no mercado de trabalho, com conhecimento da realidade das organizações, tais como empresas ou instituições públicas ou privadas, órgãos governamentais e não-governamentais. Deverá aplicar e avaliar conhecimentos, habilidades e competências adquiridos em sua formação acadêmica, consolidando-as como atividades profissionais. As parcerias interinstitucionais em forma de convênios necessárias à realização dos estágios curriculares obrigatórios serão buscadas e formalizadas após o início das atividades formais do curso. Serão priorizadas parcerias com empresas e instituições com atuação profissional ligada diretamente às áreas de atuação previstas no curso. O estágio curricular obrigatório deverá seguir a normatização específica da UFESB e da Lei n. 11.788/2008. O Componente de estágio Supervisionado ocorrerá nos dois últimos quadrimestres com carga horária teórica/prática de 60 horas (04 horas semanais) presenciais ministradas pelo docente orientador de Estágio em cada quadrimestre. E também terá carga horária prática nos dois últimos quadrimestres de 140 horas em cada um, para ser desenvolvida nas instituições conveniadas sob orientação do docente de BPC. Conforme os Artigos 22 e 23 da Resolução 14/2018 da UFESB o BPC terá um Coordenador de estágio que acompanhará todas as ações referentes ao estágio e professores orientadores de estágio que ministrarão o Componente Estágio supervisionado Obrigatório. Os orientadores de estágio acompanharão os discentes em grupos de mínimo de 10 e máximo de 15 alunos em suas atividades nas instituições conveniadas com a UFESB.

11 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O TCC deverá ser entregue no último quadrimestre do curso e, preferencialmente, orientado ao desenvolvimento de pesquisa científica ou trabalho técnico de produção cultural ou de tecnologias sociais em uma determinada área do conhecimento ou campo de atuação profissional. Com isso, pode permitir um contato direto dos estudantes com programas de pós-graduação ou com o mercado de trabalho, com a aplicação direta das habilidades e competências adquiridas na solução de problemas, devendo colaborar, portanto, com o desenvolvimento local e regional. As diretrizes de orientação dos TCCs, tais como critérios de avaliação e regras específicas, serão definidas em resoluções específicas do colegiado de curso. Para trabalhar nesta perspectiva teremos um componente curricular específico para escrita e produção de projetos que chamaremos de “Escrita de projeto de trabalho de conclusão de curso” no sétimo quadrimestre com 60 horas, e no oitavo quadrimestre o componente “Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso”.

12 SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Os estudantes do curso de Bacharelado em Produção Cultural serão avaliados em função dos conhecimentos, habilidades e competências desenvolvidas, de duas formas:

- Quadrimestralmente, em cada CC cursado ao longo do quadrimestre a partir de atividades didáticas diversas, definidas nos Planos de Ensino-Aprendizagem;
- Nos últimos quadrimestres do curso pelo Trabalho de Conclusão de Curso e Estágio Supervisionado.

O sistema de avaliação do rendimento escolar e de recuperação dos estudantes obedecerão aos critérios gerais adotados pela UFSA, especialmente em termos de formulação do coeficiente de rendimento escolar e dos critérios de recuperação, como o crédito condicional. Normas específicas com as diretrizes de avaliação dos conhecimentos, habilidades e competências desenvolvidas pelos estudantes poderão ser definidas pelo Colegiado do Curso, especialmente as relacionadas com o Estágio Obrigatório e o Trabalho de Conclusão do Curso.

13 INFRAESTRUTURA

13.1. INFRAESTRUTURA FÍSICA DISPONÍVEL

13.1.1 Biblioteca do Campus Jorge Amado

A UFSB passa pelo processo de implantação da Biblioteca, que conta com recente aquisição de livros básicos específicos de Ciências (1º Ciclo) e Engenharias (2º Ciclo), criando as condições mínimas necessárias ao funcionamento dos cursos. Para o 1º Ciclo do BI-Ciências foram adquiridos títulos de Cálculo, Física, Química e Biologia. Vale destacar que títulos de livros para atendimento específico aos cursos de Engenharia serão comprados.

13.1.2 Espaços Culturais parceiros

Os espaços culturais parceiros, abaixo listados, abrigarão atividades de realização de atividades relacionadas ao curso, em especial no seu primeiro ano, mas também como espaço de estágio obrigatório:

- Centro Cultural Adonias Filho
- Teatro Municipal de Ilhéus
- Teatro Popular de Ilhéus
- Casa Malvina
- IHASE
- Rede Matamba
- Casa do Boneco de Itacaré
- Centro Cultura Porto de Trás

Alguns convênios já estão estabelecidos e o Colegiado de Curso, assim que se estabelecer, irá realizar os devidos encaminhamentos documentais para

que sejam firmados todos os convênios necessários. São apresentadas cartas de apoio de conselhos, secretarias de cultura, coletivos e produtores independentes, além da sociedade civil, o que indica que já estão abertos os caminhos para referenciar convênios e parcerias.

13.2. INFRAESTRUTURA FÍSICA EM CONSTRUÇÃO NO CAMPUS JORGE AMADO

O Campus Jorge Amado (CJA) da Universidade Federal do Sul da Bahia, localiza-se em terreno cedido pela Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC), no município de Ilhéus BA. O Plano Diretor contempla uma edificação para práticas pedagógicas (miniauditório, salas de aula e laboratórios multidisciplinares); uma edificação que abrigará a gestão acadêmica e vivência; uma Biblioteca com auditório e áreas pré-estabelecidas para construção de futuras edificações. No presente momento estão sendo concluídas a construção da edificação para práticas pedagógicas e da edificação que abrigará a gestão acadêmica e vivência.

A área de implantação equivale a 64.500m² do terreno de 37ha cedido pela CEPLAC e compreende: guarita de entrada do campus; vias locais de acesso para veículos; vias de acesso para pedestres e ciclovias (considerando as especificações da NBR 9050/ 2015 - Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos); pequeno estacionamento; bicicletário; vestiário externo (com banheiros e chuveiros); jardins, bosques e praças (com arborização composta exclusivamente por espécies nativas da Mata Atlântica); áreas recreativas; edificação administrativa (Núcleo de Gestão Acadêmica e Vivência) e edificação pedagógica (Núcleo Pedagógico) (Figuras 1 e 2):



Figura 1: Planta de Implantação ilustrativa do IHAC – Campus Jorge Amado UFESB.
Fonte: Setor de Projetos/ DINFRA/ PROPA UFESB, 2020.



Figura 2: maquete 3D do IHAC CJA UFESB. A primeira edificação é o Núcleo de Gestão Acadêmica e Vivência; a segunda – em amarelo – é o Núcleo Pedagógico.
Fonte: Setor de Projetos/ DINFRA/ PROPA UFESB, 2020.

No que se refere ao **Núcleo Pedagógico**, a edificação foi projetada em 2015, possui cerca de 6.000m² e três pavimentos (térreo, 1º pavimento, 2º pavimento - contando ambientes internos; halls de exposição para trabalhos acadêmicos, circulação e projeção da cobertura), com fundação para mais dois pavimentos futuros. O Núcleo Pedagógico possui 24 salas de aula e 7 laboratórios de ensino multidisciplinares (Figuras 3, 4, 5 e 6).



Figura 3: Planta do pavimento térreo do Núcleo Pedagógico CJA UFSCB.
Fonte: Setor de Projetos/ DINFRA/ PROPA UFSCB, 2020.

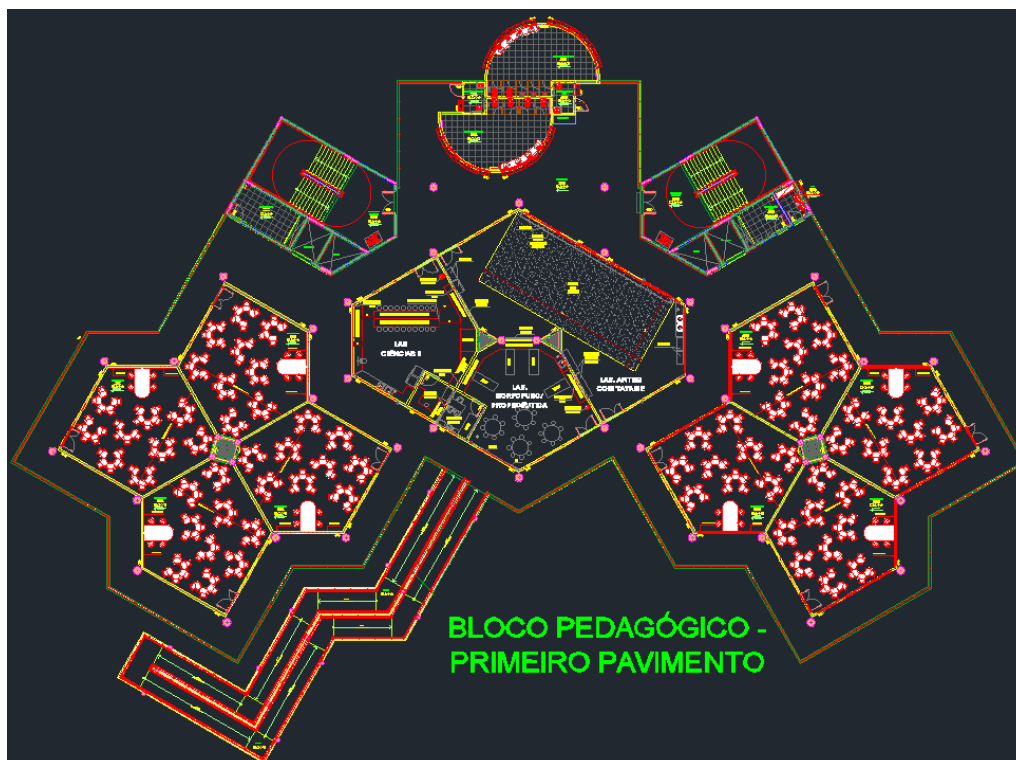


Figura 4: Planta do 1º pavimento do Núcleo Pedagógico CJA UFSB.
Fonte: Setor de Projetos/ DINFRA/ PROPA UFSB, 2020.



Figura 5: Planta do 2º pavimento do Núcleo Pedagógico CJA UFSB.
Fonte: Setor de Projetos/ DINFRA/ PROPA UFSB, 2020.



Figura 6: Vista 3D do Núcleo Pedagógico IHAC CJA UFESB – concepção arquitetônica em execução.

Fonte: Setor de Projetos/ DINFRA/ PROPA UFESB, 2020.

O **Núcleo Pedagógico** contempla o seguinte programa de necessidades: salas de aula para o 1º, 2º e 3º Ciclos de Formação. Sendo que, o 1º Ciclo de Formação atende os Bacharelados e as Licenciaturas Interdisciplinares em Ciências, Humanidades e Artes. O 2º Ciclo de Formação atende a formação profissional em:

- a) Engenharia Florestal e Engenharia Agrícola e Ambiental (Centro de Formação em Ciências Agroflorestais - CFCA);
- b) Engenharia Ambiental da Sustentabilidade (Centro de Formação em Tecnociências e Inovação - CFTCI);
- c) Bacharelado em Políticas Públicas, Bacharelado em Mídias e Tecnologias e **Bacharelado em Produção Cultural** (Centro de Formação em Políticas Públicas e Tecnologias Sociais CFPPTS).

A edificação também atenderá o 3º Ciclo de Formação - cursos de Pós-graduação (Mestrado e Doutorado).

A edificação possui um mini auditório para atividades acadêmicas e laboratórios multidisciplinares para os cursos de 1º Ciclo de Formação (Bis e

Lis) e cursos de 2º Ciclo de Formação (componentes iniciais dos cursos que demandam atividades laboratoriais).

O quadro 1 apresenta os ambientes e áreas do **Núcleo Pedagógico**:

Quadro 1: ambientes e áreas do Bloco Pedagógico

Ambiente	Quantidade	Área unitária (m²)	Área total (m²)
Salas de Aula	24	76.00	1824.00
Miniauditório	1	310.00	310.00
Laboratório Ciências I	1	76.00	76.00
Laboratório Ciências II	1	76.00	76.00
Laboratório Ciências III	1	76.00	76.00
Laboratório de Artes cênicas e expressão corporal	1	152.00	152.00
Laboratório de Artes Gráficas	1	76.00	76.00
Laboratório de Matemática Computacional e Robótica	1	76.00	76.00
Laboratório de Propedêutica e Morfofuncional	1	76.00	76.00
Banheiro feminino/ banheiro para deficiente físico	3	82.00	246.00
Banheiro masculino/ banheiro para deficiente físico	3	82.00	246.00
Área técnica/ escada/ elevador	6	90.50	543.00
Rampa de acesso	1	150.00	150.00
Halls de circulação (corredores e varandas) e halls para exposição de trabalhos acadêmicos (1 por pavimento)	3	820	2460.00

Quanto ao **Núcleo de Gestão Acadêmica e de Vivência (NVGA)**, este possui cerca de 4.105m² (contando ambientes internos; halls de exposição para trabalhos acadêmicos, circulação e projeção da cobertura), é térreo com fundação para mais um pavimento futuro (Figuras 7, 8 e 9).

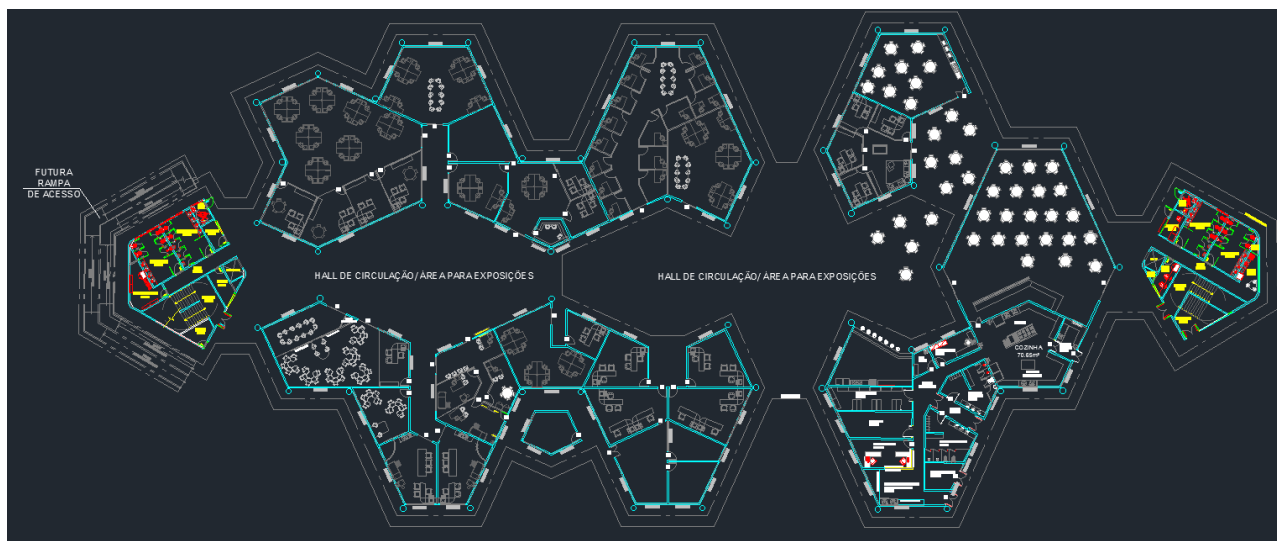


Figura 7: Planta do Núcleo de Gestão Acadêmica e Vivência CJA UFSB.
Fonte: Setor de Projetos/ DINFRA/ PROPA UFSB, 2020.



Figura 8: Vista em 3D do Núcleo de Gestão Acadêmica e Vivência CJA UFSB.
Fonte: Setor de Projetos/ DINFRA/ PROPA UFSB, 2020.



Figura 9: Vista em 3D do Núcleo de Gestão Acadêmica e Vivência CJA UFSCB.
Fonte: Setor de Projetos/ DINFRA/ PROPA UFSCB, 2020.

O Núcleo de Gestão Acadêmica atende o seguinte programa de necessidades:

- a) **Núcleo Secretaria Executiva:** protocolo de atendimento ao discente; sala das/os Decanas/os e da Vice-Decanas/os; salas de reuniões; sala de apoio e depósito.
- b) **Núcleo Coordenação de Cursos e espaço docente:** Coordenação dos cursos de 1º Ciclo de Formação; Coordenação dos cursos de 2º Ciclo de Formação; Coordenação dos cursos de 3º Ciclo de Formação (Pós-graduações); salas para docentes e laboratório multiusuário de multimídia.
- c) **Núcleo saúde e bem-estar:** consultório do psicólogo; enfermaria; sala da assistente social; sala do intérprete de libras; sala de educação inclusiva.
- d) **Núcleo exames admissionais:** 2 consultórios médicos.
- e) **Núcleo Coordenação do Campus:** Coordenador de campo; gestão dos colégios universitários; recursos humanos; transporte; salas técnicas; sala dos TCIs; almoxarifados.

O Núcleo de Vivência atende o seguinte programa de necessidades: Restaurante; lanchonete; espaço para almoço de casa; sala dos Diretórios

Estudantis; espaço interativo para exposição de artes, dança, performances e trabalhos acadêmicos.

O quadro 2 apresenta os ambientes e as respectivas áreas do NVGA:

Quadro 2: ambientes e áreas do NVGA

Ambiente	Área (m²)
NÚCLEO DE GESTÃO ACADÊMICA	
Secretaria Executiva	
Secretaria	44.00
Decanas/os	16.00
Vice-decanas/os	12.00
Protocolo	9.00
Apoio do SECAD	34.00
Depósito do SECAD	34.50
Sala de reuniões 1	28.00
Sala de reuniões 2	62.00
Coordenação de Cursos e espaço docente	
Coordenação dos cursos de 1º Ciclo de Formação	87.20
Coordenação dos cursos de 2º Ciclo de Formação	100.00
Coordenação dos cursos de 3º Ciclo de Formação (Pós-graduações)	80.00
Espaço docente	310.00
Laboratório multiusuário de multimídia	20.00
Saúde e bem-estar	
Recepção e espera	22.00
Psicólogo	15.40
Enfermaria	21.45
Assistente Social	15.20
Intérprete de Libras	18.00
Sala educação inclusiva	28.00
Exames admissionais	
Médico 1	37.00
Médico 2	37.00
Coordenação do Campus	
Coordenador de campo	40.00
Gestão dos colégios universitários	
Recursos humanos	40.00
Transportes	33.00
TICs	34.00
Sala técnica	21.00
Almoxarifados	90.00
Módulo serviços (banheiros, escadas, apoios, elevador cadeirante)	150.00
NÚCLEO DE VIVÊNCIA	
Restaurante	562.00

Lanchonete	40.00
Espaço almoço de casa	82.00
Diretórios Acadêmicos	76.00
Halls centrais de exposição	950.00
Módulo serviços (banheiros, escadas, apoios, elevador cadeirante)	150.00

Especificamente para atendimento das atividades do **Curso de 2º Ciclo de Formação BACHARELADO EM PRODUÇÃO CULTURAL**, além das salas de aula, serão usados o laboratório de artes cênicas e expressão corporal do Bloco Pedagógico (Lab. Expressões) (Figura 10), o laboratório Multiusuário de Multimídia no Núcleo de Gestão Acadêmica e Vivência (Figura 11) e o mini auditório do Bloco Pedagógico (Figura 12).

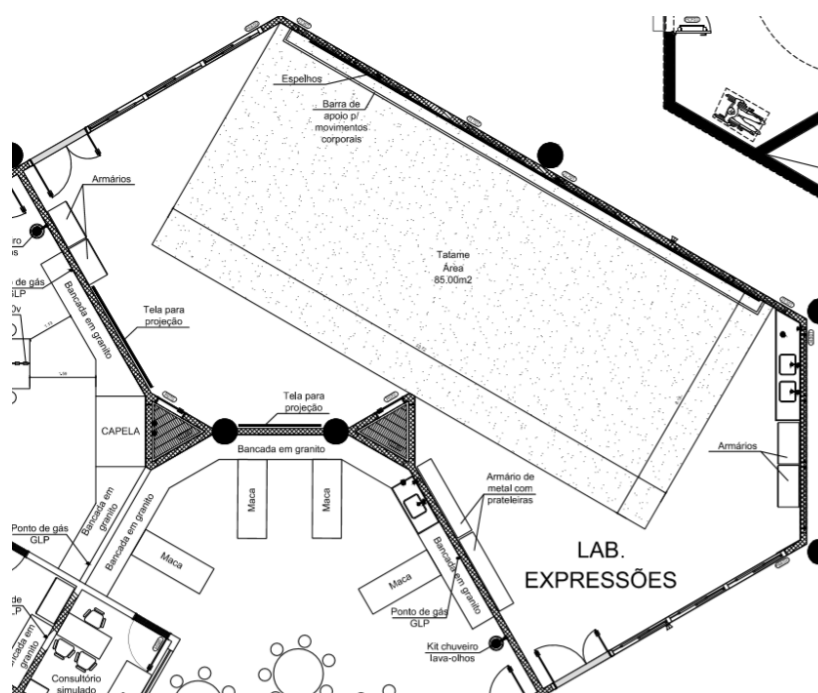


Figura 10: Planta do Laboratório de Artes Gráficas (Bloco Pedagógico).
Fonte: Setor de Projetos/ DINFRA/ PROPA UFSB, 2020.

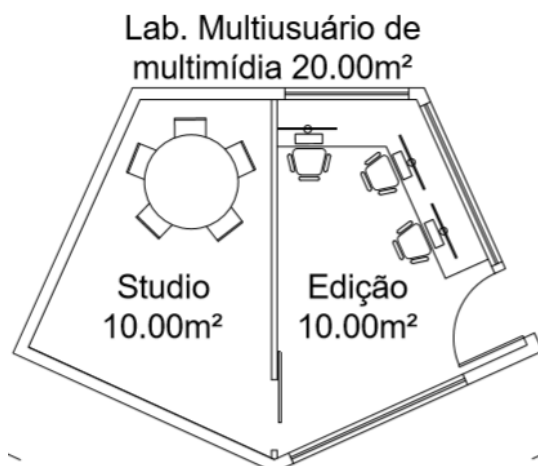


Figura 11: Planta do Laboratório multiusuário de multimídia (NVGA). Fonte: Setor de Projetos/ DINFRA/ PROPA UFSB, 2020.

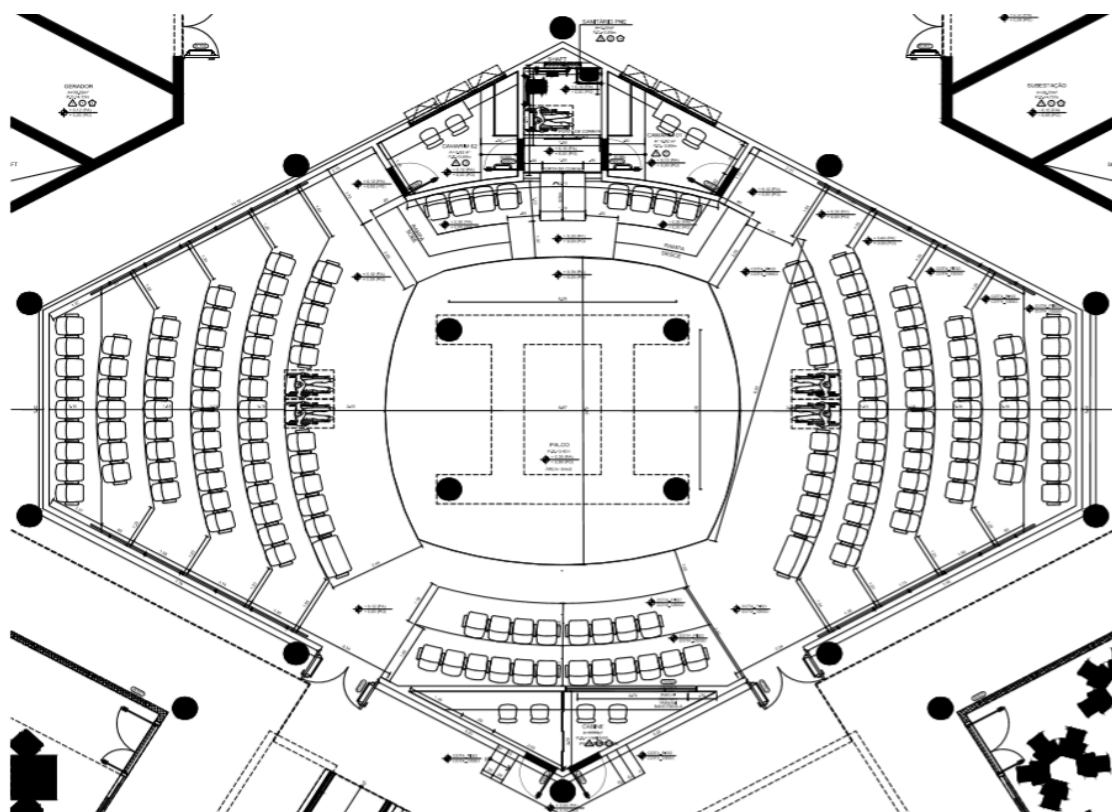


Figura 12: Planta do mini auditório (Bloco Pedagógico).
Fonte: Setor de Projetos/ DINFRA/ PROPA UFSB, 2020.

14 SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO DO CURSO

O sistema de avaliação do PPC será definido pela Coordenação do Curso e/ou NDE, quando esses estiverem sido implantados. Nesse caso, serão descritas claramente as ações decorrentes dos processos de avaliação, implantadas no âmbito do curso.

15 DOCENTES CREDENCIADOS AO CURSO

15.1 DOCENTES CREDENCIADOS

O corpo docente será formado por professoras/es da UFESB, não só do Campus Jorge Amado, mas dos demais campi (Sosígenes Costa e Paulo Freire) que tenham afinidade e disponibilidade para ministrar componentes curriculares no Bacharelado em Produção Cultural. Indicamos a seguir o núcleo docente principal para dar início às atividades do curso. Destaca-se que, em cenário futuro, assim como em todos os demais cursos da Instituição, o núcleo docente principal poderá vir a ser ampliado.

Docente	Eixo do Curso	Formação Acadêmica	RT
Ana Cristina Santos Peixoto (Área de Produção Executiva, formatação de projetos)	2	Doutora em Letras	DE
Felipe de Paula Souza (Área de Gestão Cultural, Comunicação e Audiovisual)	1	Mestre em Turismo e Cultura	DE
Fábio Corniani (Área de Gestão Cultural e Comunicação)	1	Doutor em Comunicação	DE
Rafael Siqueira de Guimarães (Área de Tecnologias do Espetáculos e Culturas Urbanas)	2	Doutor em Sociologia	DE
Lilian Mara Salles Buonincontro (Área de Gestão Cultural e Logística)	1	Mestre em Engenharia	
Sandra Adriana Neves Nunes (Área de	3	Doutora em	DE

Tecnologias Sociais, Saúde e Educação)		Psicologia	
Ricardo de Araujo Kalid (Área de Tecnologias Sociais e Empreendedorismo Social)	3	Doutor em Engenharia	DE

15.2 NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE

A lista dos docentes que compõem o Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso será estabelecida com Portaria de sua nomeação, logo após o início de sua operação.

16 CATÁLOGO DE COMPONENTES CURRICULARES

16.1. Componentes curriculares dos eixos da Formação Geral (Resoluções n. 20/2015 e 22/2017) e Componentes Optativos de 1º Ciclo

Experiências do Sensível	60h
<p>Discussão, análise, comparação, e construção de experiências sensíveis destinadas a provocar e instigar a curiosidade e a construção de saberes de maneira interdisciplinar. A relação com o território é o tema que perpassa as experiências do sensível e potencializa as subjetividades.</p> <p>Bibliografia Básica:</p> <p>BADIOU, A. Pequeno manual de inestética. Trad. Marina Appenzeller. Estação Liberdade, 2002.</p> <p>DUARTE JÚNIOR, J.F. O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível. Tese de Doutorado Universidade Estadual de Campinas. Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação. 2000.</p> <p>RANCIÈRE, J. A partilha do sensível: estética e política. Ed. 34, 2005.</p> <p>Bibliografia Complementar:</p> <p>AGAMBEN, G. O que é o contemporâneo? E outros ensaios. Chapecó, Argos, 2010.</p> <p>AGAMBEN, G. Infância e história –Destrução da experiência e origem da história. Editora UFMG, 2008.</p> <p>DANTO, A. A transfiguração do lugar-comum: uma filosofia da arte. Cosac & Naify, 2005.</p> <p>DIDI-HUBERMAN, G. Sobrevivência dos vaga-lumes. Editora UFMG, 2011.</p> <p>GUIMARÃES, C. et.al. Entre o sensível e o comunicacional. Editora Autêntica, 2010.</p>	

Universidade e Sociedade	60h
<p>Estrutura e desenvolvimento histórico das Universidades no mundo ocidental e no Brasil, em seus vínculos com o Estado, com a cultura e os indivíduos, com destaque para as formas de organização do trabalho pedagógico e a posição dos sujeitos educandos na formação social da universidade e da sociedade.</p> <p>Bibliografia Básica:</p> <p>FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 2002.</p> <p>SEABRA-SANTOS, F.; ALMEIDA-FILHO, N. A Quarta Missão da Universidade. Coimbra/Brasília: EduCoimbra/EdUNB, 2012.</p> <p>TEIXEIRA, A. Educação e Universidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1989.</p> <p>Bibliografia Complementar:</p>	

COULON, A. A Condição de Estudante. Salvador: EDUFBA, 2007.

DEMO, P. Saber pensar. 7. ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2011.

DIDI-HUBERMAN, G. Sobrevivência dos vaga-lumes. Editora UFMG, 2011.

GUIMARÃES, C. et.al. Entre o sensível e o comunicacional. Editora Autêntica, 2010.

RIBEIRO, R.J.R. A universidade e a vida atual: Fellini não via filmes. 2a ed. São Paulo: Edusp, 2014.

Universidade e Desenvolvimento Regional e Nacional	60h
<p>Debates contemporâneos sobre Ambiente, Culturas, Sociedades, Política, Instituições e Organizações, com foco no contexto planetário e suas relações com sustentabilidade, contemplando interpretações dos diferentes saberes. Estudo dos processos e dinâmicas ambientais que estruturam e organizam a singularidade de cada sociedade e conjuntura histórica, compreendendo como tais processos afetam sua construção de significados, sua relação com os outros e sua ação sobre o mundo.</p> <p>Bibliografia Básica: BAUMANN, Z. Emancipação. In: _____. Modernidade Líquida. Jorge Zahar, 2001.</p> <p>HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. São Paulo: DP&A, 2006.</p> <p>JANINE RIBEIRO, R. A Sociedade contra o Social, o alto custo da vida pública no Brasil. Companhia das Letras, 2000.</p> <p>Bibliografia Complementar: EHLERS, E. O que é Agricultura Sustentável. São Paulo: Brasiliense, 2009. (Coleção Primeiros Passos).</p> <p>DEJOURS, C. A Banalização da Injustiça Social. FGV, 2002.</p> <p>KLOETZEL, K. O que é Meio Ambiente. São Paulo: Brasiliense, 1993. (Coleção Primeiros Passos).</p> <p>RODRIGUES, G.M.A. O que são Relações Internacionais. Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos).</p>	

Língua, Território e Sociedade	60h
<p>Trabalho com as habilidades de leitura de textos e produção de sentidos, a partir de eixos temáticos integradores, para a afirmação da subjetividade, a formação crítica e o aperfeiçoamento de competências discursivas.</p> <p>Bibliografia Básica: AQUINO, I.S. Como falar em encontros científicos: do seminário em sala de aula a congressos internacionais. 5.ed. Saraiva, 2010.</p> <p>BAGNO, M. Preconceito linguístico: o que é, como se faz. Loyola, 2005.</p> <p>MARCUSHI, L.A. Produção textual, análise de gênero. Parábola, 2008</p> <p>Bibliografia Complementar: CHARAUDEAU, P. Linguagem e discurso: modos de organização. Contexto, 2008.</p>	

FIORIN, J.L.; SAVIOLI, F.P. **Para entender o texto: leitura e redação**. 17. ed. Ática, 2013.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. Cortez, 1989.

KOCH, I.V.; ELIAS, V.M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2. ed. Contexto, 2008.

LERNER, D. **Ler e Escrever na Escola: o real, o possível e o necessário**. Artmed, 2002.

Matemática e Espaço	60h
<p>Em busca de sensibilização para as relações existentes entre matemática e espaço, serão explorados fazeres e saberes oriundos de diferentes contextos histórico-culturais. Nesta perspectiva, e visando uma aproximação entre matemática e arte, será trabalhada a Geometria das Transformações. No âmbito de representações de formas e representações, a geometria euclidiana será histórica e culturalmente relativizada, desembocando em geometrias não euclidianas e, mais particularmente, nos fractais.</p> <p>Bibliografia Básica:</p> <p>ALVES, Sérgio; DALCIN, Mário. Mosaicos do Plano. Revista do Professor de Matemática, nº 40, p. 03- 12. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Matemática, 1999.</p> <p>BARBOSA, Ruy Madsen. Descobrimo a Geometria Fractal: para a sala de aula. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.</p> <p>GERDES, Paulus. Geometria e Cestaria dos Bora na Amazônia Peruana. Editora Lulu Enterprises, Morrisville, NC 27560, Estados Unidos da América, 2013.</p> <p>Bibliografia Complementar:</p> <p>D'AMBROSIO, Ubiratan. Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.</p> <p>ESCHER, Maurits C. Gravura e Desenhos. Singapura: Paisagem, 2006.</p> <p>EUCLIDES. Os Elementos. Trad: Bicudo, I. São Paulo: Editora UNESP, 2009.</p> <p>FERREIRA, Rogério. Trançados Amazônicos. Revista Carta Fundamental, nº 63, p. 40-43. São Paulo: Confiança, 2014.</p> <p>FILHO, Dirceu Zaleski. Matemática e Arte. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.</p>	

Matemática e Cotidiano	30h
<p>Abordagem lógico-matemática de situações-problema cotidianas, contextualizadas em diferentes realidades sócio-histórico-culturais. Números, conjuntos numéricos e sistemas de numeração. Sistemas de Orientação e Medida. Calendários. Operações e instrumentos matemáticos. Análise de fenômenos naturais.</p> <p>Bibliografia Básica:</p>	

TRIOLA, Mario F. Introdução a Estatística. Rio de Janeiro: LTC, 2013. Disponível em: <http://www.ebookspdf.org/download/mario-triola-estatistica.html>. Acesso em: 8 set. 2014. CARNIELLI, Walter A. Pensamento Crítico: o poder da lógica e da argumentação. São Paulo: Rideel, 2009. SPIEGEL, Murray. Estatística. São Paulo: Mc Graw Hill do Brasil, 1985. Disponível em: . Acesso em: 8 set. 2014. VIEIRA, Sonia. Introdução à Bioestatística. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

Bibliografia Complementar:

HOFSTADTER, Douglas. Gödel, Escher. Bach: um entrelaçamento de gênios brilhantes. Brasília: Editora da UnB, 2001. LAKATOS, Imre. A Lógica do Descobrimento Matemático. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

Introdução ao Raciocínio computacional	30h
<p>Noções de raciocínio computacional. Introdução ao desenvolvimento de algoritmos. Refinamentos sucessivos. Noções de especificação de algoritmos. Construção de programas: variáveis, constantes, operadores aritméticos e expressões, estruturas de controle (atribuição, sequência, seleção, repetição, recursão). Princípios de programação. Uso de raciocínio computacional para solução de problemas interdisciplinares. Noções das linguagens Scratch e Python.</p> <p>Bibliografia Básica:</p> <p>FORBELLONE, André Luiz Villar, EBERSPACHER, Henri Frederico. Lógica de Programação. 3.ed. Makron Books, 2000.</p> <p>GOMES, Marcelo Marques, SOARES, Márcio Vieira, SOUZA, Marco Antônio Furlan de. Algoritmos e Lógica de Programação. 2. ed. Cengage Learning, 2011. MARJI, Majed. Aprenda a Programar com Scratch. Ed. Novatec, 2014.</p> <p>MANZANO, José Augusto, OLIVEIRA, Jair Figueiredo. Algoritmos – Lógica para Desenvolvimento de Programação de Computadores. 22. ed. São Paulo: Ed. Érica, 2009.</p> <p>Bibliografia Complementar:</p> <p>BORGES, Luiz Eduardo. Python para Desenvolvedores. 2. ed. Disponível em . Acesso em: 8 set. 2014.</p> <p>MARJI, Majed. Aprenda a programar com Scratch: uma introdução visual à programação com jogos, arte, ciência e matemática. São Paulo: Novatec, 2014.</p> <p>MILLER, Brad, RANUM, David. Aprendendo com Python [How to Think Like a Computer Scientist: Interactive Version]. Trad. MORIMOTO, C.H. , de PINA JR, J.C. , SOARES, J.A.: Edição interativa(usando Python 3.x.). Disponível em . Acesso em: 8 set. 2014.</p> <p>MENEZES, Nilo Ney Coutinho. Introdução à Programação com Python. São Paulo: Novatec, 2014.</p>	

Expressão Oral em Língua Inglesa	60h
<p>Aplicação de técnicas, estratégias e métodos de ensino-aprendizagem para se comunicar oralmente em língua inglesa.</p> <p>Bibliografia Básica:</p> <p>FENTON, Linda, McLARTY, Penny and STOTT, Trish. Welcome to Brazil Level 1. Oxford University Press, 2013.</p> <p>FENTON, Linda, McLARTY, Penny, POHL, Alison and STOTT, Trish. Welcome to Brazil Level 2. Oxford University Press, 2013.</p> <p>KREIDLER, Charles W. The pronunciation of English. A course book in phonology. Oxford, UK. 2003.</p> <p>Bibliografia Complementar:</p> <p>BBC podcasts. Disponível em: . Acesso em: 9 set. 2014. CNN. Audio and video podcasts. . Acesso em: 9 set. 2014. MacMillan. Dictionary. . Acesso em: 9 set. 2014.</p> <p>O'CONNOR, J.D. & FLETCHER, C. Sounds English. A pronunciation practice book. Longman, UK. 1998.</p> <p>PRATOR, Clifford H. Manual of American English Pronunciation. Harcourt Brace & Company. NY. 1985.</p> <p>UNDERHILL, Adrian. Sound Foundations. Living phonology. Heinemann. Oxford, UK. 1992.</p> <p>TURNER, Graeme. British Cultural Studies: An Introduction. London and New York: Routledge, 1992.</p>	

Bases epistemológicas da educação	60h
<p>Principais abordagens teóricas dos processos educativos, destacando princípios e conceitos constitutivos do pensamento educacional contemporâneo. Esboço geral das configurações histórico-epistemológicas da educação, por meio da articulação interdisciplinar entre aspectos sociológicos, psicológicos, antropológicos, históricos e filosóficos da educação escolar e não escolar na contemporaneidade.</p> <p>Bibliografia Básica:</p> <p>ANGELUCCI BIANCHA, Carla; KALMUS, Jaqueline; PAPARELLI, Renata; PATTO SOUZA, Maria Helena. O estado da arte da pesquisa sobre o fracasso escolar (1991-2002): um estudo introdutório. Educação e Pesquisa, vol. 30, núm. 1, jan.-abr. USP, São Paulo, 2004 , pp. 51-72. Link: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=29830104).</p> <p>GOMES, Candido Alberto. A Escola de Qualidade para Todos: Abrindo as Camadas da Cebola. Disponível em: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=399537940002</p> <p>GOMES, N.L. O Plano nacional de educação e a diversidade: dilemas, desafios e perspectivas. In: DOURADO, L.F. (Org.). Plano Nacional de Educação (2011-2020): avaliação e perspectivas. 2.ed. Goiânia: UFG; Belo Horizonte: Autêntica, 2011.</p> <p>Bibliografia Complementar:</p>	

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Proposta Pedagógica dos Complexos Integrados de Educação- CIEs. Universidade Federal Sul da Bahia-UFESB-Secretaria Estadual de Educação, Itabuna-BA, 2016. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/10bhf4n1AY8SRI8f4CUZudu-5WX2oZwinigY6fwTZrn8>

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. A Contribuição da Sociologia da Educação para a Compreensão da Educação Escolar. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/169/3/01d09t03.pdf>

VITKOWSKI, José Rogério.. Epistemologia e educação: conhecimento para uma vida decente. Disponível em: <http://www2.ufpa.br/ensinofts/artigo3/epistemologia.pdf>

Educação e Direitos Humanos	30h
<p>Direitos Humanos como direitos fundamentais. Diretrizes e Normas para a Educação em Direitos Humanos no Brasil e na América Latina. Os conceitos de cidadania, vulnerabilidade e minoria. O processo educativo, o direito à Educação e os Direitos Humanos.</p> <p>Bibliografia Básica:</p> <p>BRASIL. Ação Educativa e Plataforma DhESCA Brasil. Direito Humano à Educação (Manual). São Paulo – AE / DhESCA Brasil, 2009. Disponível em: http://www.direitoaeducacao.org.br/wpcontent/uploads/2011/12/manual_dhaeducacao_2011.pdf</p> <p>BRASIL. Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3) – Brasília: SEDH/PR, 2010. Disponível em: http://dhnet.org.br/dados/pp/a_pdf/pndh3_programa_nacional_direitos_humanos_3.pdf</p> <p>CANDAUI, Vera M. Direitos Humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. In: Revista Brasileira de Educação, v. 13, n. 37, p. 45-56, jan./abr. 2008. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/05.pdf.</p> <p>Bibliografia Complementar:</p> <p>HADDAD, Sérgio; GERACIANO, Maria (orgs.). <i>A educação entre os Direitos Humanos</i>. São Paulo: Cortez e Associados/Ação Educativa, 2006.</p> <p>LAFER, Celso. <i>A Reconstrução dos Direitos Humanos</i>. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.</p> <p>ONU. Assembléia Geral das Nações Unidas. Declaração sobre o Direito e Dever dos Indivíduos, Grupos e Instituições que promovem e protegem os Direitos Humanos e as Liberdades Fundamentais Universalmente Reconhecidos. Genebra: 1998 (E/CN.4/1998/98).</p> <p>SANTOS, Boaventura de Souza. Uma concepção multicultural dos direitos humanos. In: <i>Lua Nova</i>. Revista de Cultura e Política. nº 39, p. 105-124. São Paulo: CEDEC, 1997. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ln/n39/a07n39.pdf.</p>	

Educação, gênero e diversidade sexual	30h
<p>As críticas feministas e a educação. Pedagogias queer, a filosofia da diferença, os estudos culturais e o decolonialismo. O currículo e as práticas pedagógicas escolares no contexto das relações de gênero e das sexualidades.</p> <p>Bibliografia Básica:</p> <p>ADICHIE, Chimamanda Ngozi. <i>Sejamos todos feministas</i>. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.</p>	

HAUER, Mariane; GUIMARÃES, Rafael Siqueira de. Mães, filh@s e homossexualidade: narrativas de aceitação. *Temas em Psicologia* (Ribeirão Preto), v. 23, p. 649-662, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: Vozes, 1997.

. **Bibliografia Complementar:**

ALTMAN, Helena. "Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais". *Revista de Estudos Feministas*, a. 9, 2. Semestre 2001.

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo sexo – fatos e mitos*. Trad. Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. 3.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

Educação e relações étnico-raciais	30h
<p>Plano nacional de implantação das diretrizes curriculares para as relações étnico-raciais e história das culturas indígenas, africanas e afro-brasileira. Debate sobre as Leis n. 10639/2003 e 11645/2008. Políticas públicas e educação.</p>	
<p>Bibliografia Básica:</p>	
<p>BRASIL. Plano nacional de implantação das diretrizes curriculares nacionais para educação das relações etnicorraciais para o ensino de história e cultura afrobrasileira e africana. Brasília: MEC, 2004.</p>	
<p>SILVA, Petronilha Gonçalves da. Aprender, ensinar e relações raciais no Brasil. <i>Educação</i>. Porto Alegre, ano XXX, n. 3(63), p. 489-506, set./dez. 2007.</p>	
<p>GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: GOMES, Nilma Lino (Org.). <i>Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal n. 10.639/03</i>. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.</p>	
<p>Bibliografia Complementar:</p>	
<p>ARAÚJO, Márcia. Da interdição escolar às ações educacionais de sucesso: escolas dos movimentos negros e escolas profissionais, técnicas e tecnológicas. In: JERUSE, Romão (Org.). <i>História da educação do negro e outras histórias</i>. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.</p>	
<p>BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília – Senado Federal, Subsecretaria de</p>	

Edições TÉCNICAS, 2006.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branquitude e poder – a questão das cotas para negros. In: SANTOS, Sales Augusto dos (org). Ações afirmativas e combate ao racismo nas Américas. Brasília: Ministério da Educação,

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Índios no Brasil: história, direitos e cidadania. São Paulo: Claroenigma, 2012.

CARVALHO, José Jorge de. Inclusão étnica e racial no Brasil. A questão das cotas no ensino superior. São Paulo: Attar Editorial, 2005.

Libras	60h
<p>Introdução aos aspectos históricos e conceituais da cultura surda e filosofia do bilinguismo. Processos cognitivos e linguísticos. O cérebro e a língua de sinais. Apresentar o ouvinte à Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS) e a modalidade diferenciada para a comunicação (gestual-visual). Ampliação de habilidades expressivas e receptivas em LIBRAS. Vivência comunicativa dos aspectos sócio-educacionais do indivíduo surdo. Conceito de surdez, deficiência auditiva (DA), surdo-mudo, mitos, SignWriting (escrita de sinais). Legislação específica. Prática em Libras – vocabulário.</p> <p>Bibliografia Básica:</p> <p>ANDRADE, Lourdes. Língua de Sinais e Aquisição da Linguagem. In: Fonoaudiologia: no sentido da linguagem. São Paulo: Cortez, 1994.</p> <p>CAPOVILLA, F.C., RAPHAEL, W. D. (no prelo). Sinais da LIBRAS e o universo da Educação. In: CAPOVILLA, F.C. (Org.). Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira: o mundo do surdo em LIBRAS. (Vol. 1, de 19 volumes, 340 pp.). São Paulo, SP: Edusp, Vitae, Brasil Telecom, Feneis.</p> <p>. Bibliografia Complementar:</p> <p>FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.</p> <p>GÓES, Maria Cecília Rafael de. Linguagem, surdez e educação. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 1999.</p> <p>GOFFMAN, Erving. Estigma e Identidade Social. In:_____. Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.</p> <p>GOLDFELD, Márcia. A criança surda: Linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. 2. ed. São Paulo: Plexus, 2002.</p> <p>LACERDA, Cristina B. Feitosa de. A prática pedagógica mediada (também) pela língua de sinais: trabalhando com sujeitos surdos. Cadernos Cedes, ano XX, n. 50, abr. 2000</p>	

Educação Inclusiva	30h
Aspectos históricos e legais da Educação Especial: políticas educacionais. Trajetória da Educação Especial	

à Educação Inclusiva: modelos de atendimento, paradigmas: educação especializada / integração / inclusão. Altas habilidades, deficiência (auditiva, visual, mental, física e múltipla), autismo, síndrome de down, dislexia. Modalidades de atendimento: suporte e recursos. Valorizar as diversidades culturais e linguísticas na promoção da Educação Inclusiva. Políticas públicas para Educação Inclusiva – Legislação Brasileira: o contexto atual. Acessibilidade à escola e ao currículo. Adaptações curriculares. Tecnologia Assistiva

Bibliografia Básica:

ARANTES, Valéria A. et alii. Inclusão escolar: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2006.

BEYER, Hugo Otto. Inclusão e avaliação na escola. Porto Alegre: Mediação, 2005.

FACION, José Raimundo. Inclusão escolar e suas implicações. Curitiba: IBPEX, 2005.

Bibliografia Complementar:

ALENCAR, E.M.L.S.; VIRGOLIM, A.M.R. Dificuldades emocionais e sociais do superdotado. In: SOBRINHO, F.P.N.; CUNHA, A.C.B. (Orgs.) Dos problemas disciplinares aos distúrbios de conduta. Rio de Janeiro: Dunya, 1999.

AMARAL, I. Formação de educadores de pessoas com Deficiência sensorial e múltipla Deficiência sensorial. In: Organização de serviços transdisciplinares. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2000.

(Apostila de curso – disciplina Avaliação da Criança surdocega e Múltipla Deficiente Sensorial)

BAUTISTA, R. (Org.). Necessidades educacionais especiais. Lisboa: Dinalivros, 1997.

BLANCO, R; DUK, C.A. A integração dos alunos com necessidades especiais na região da América Latina e Caribe. In: MANTOAN, M.T.A. A integração de pessoas com deficiência – contribuições para uma reflexão. São Paulo: Memnon, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental e Especial. Parâmetros

Curriculares Nacionais. Adaptações curriculares: ensino de 1ª a 8ª série. Brasília: MEC/SEEP, 1999.

_____. Ministério da Educação. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.

Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC/SEEP, 2001.

Oficina de Textos Acadêmicos e Técnicos em Artes	60h
--	-----

A palavra como agenciadora de sentidos em múltiplas linguagens: imagéticas, sonoras, espaciais, corporais. Aspectos da cultura gráfica incidentes no campo das artes. Operações específicas da língua portuguesa no campo das artes e fricções com línguas ameríndias e de matrizes africanas. Práticas expandidas de leitura/escrita.

Bibliografia Básica:

FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília (Orgs). Escritos de Artistas - anos 60/70. Trad. Pedro

Sussekind et al. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

MORRIS, William. O livro ideal. In: BIERUT, Michael; HELFAND, Jessica; HELLER, Steven;

POYNOR, Rick. (Orgs.). Textos clássicos do design gráfico. Trad. Fernando Santos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

. Bibliografia Complementar:

- ARAÚJO, Juliano José de. Retórica e pragmática do documentário: a experiência de realização cinematográfica compartilhada do Projeto Vídeo nas Aldeias. Revista Doc Online, n. 11, dez de 2011, p. 87-117. Disponível em: http://www.doc.ubi.pt/11/dossier_juliano_araujo.pdf. Acesso em: 22 jul.2015.
- BASUALDO, Carlos. Vanguarda, cultura popular e indústria cultural no Brasil, de Carlos Basualdo. In: _____ (Org.). Tropicália: uma revolução na cultura brasileira [1967-1972]. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 11-28.
- RAMA, Ángel. Nossa América. In: ROCCA, Pablo (Org.). Literatura, cultura e sociedade na América Latina. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- RANCIÈRE, Jacques. A superfície do design. In: _____. O destino das imagens. Trad. Mônica Costa Netto. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012, p. 101-118.
- TUGNY, Rosângela. Reverberações entre cantos e corpos na escrita Tikmũ'ün. TRANS – Revista Transcultural de Musica/Transcultural Music Review 15, 2011. Disponível em: http://www.sibetrans.com/trans/public/docs/trans_15_18_Pereira.pdf. Acesso em: 22 jul. 2015.

Processos de Criação e Ensino-Aprendizagem em Artes	60h
---	-----

Criatividade: a inter-relação entre processos de criação e processos de ensino-aprendizagem. Saberes e práticas de povos tradicionais no ensino-aprendizagem da arte. O papel do brincar, da curiosidade e da sistematização. A Metodologia Triangular de Ana Mae Barbosa. O modelo C(L)A(S)P de Keith Swanwick. As Oficinas de Música. O Teatro do Oprimido de Augusto Boal. Improvisação, acaso, aleatoriedade como parte de processos de criação: a obra de arte aberta. Projetos de criação voltados para problemas concretos: imaginação, organização, execução e avaliação do processo e seus resultados. Olhar complexo sobre processos dessa natureza na arte, na educação e na pesquisa. Ferramentas conceituais e práticas, elaboração e compartilhamento de material didático. Interface sistêmica com a prática docente das/dos estudantes.

Bibliografia Básica:

- FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. Estudos Avançados, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 259-268, maio/ago, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000200013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 jul. 2015.
- GALEB, Maria da Glória; SOUZA, Adriana Teles de; LEITE, Elisângela Christiane de P.; GOMES, Fabrícia Cristina. Tecnologia e Arte: cruzamentos possíveis para uma reflexão acerca do ensino contemporâneo. Anais do IX ANPED Sul, agosto 2012, Caxias do Sul, RS. Disponível em: http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Didatica/Trabalho/05_23_58_283-6684-1-PB.pdf. Acesso em: 22 jul. 2015.
- MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva

e Jeanne Sawaya. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF; UNESCO, 2000. Disponível em: <http://goo.gl/sMrnQK>. Acesso em: 22 jul. 2015.

Bibliografia Complementar:

DEMO, Pedro. Complexidade e aprendizagem: a dinâmica não linear do conhecimento. São Paulo: Atlas, 2011.

ECO, Humberto. A obra aberta. São Paulo: Perspectiva, 1991. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/56308435/ECO-Umberto-Obra-Aberta#scribd>. Acesso em: 22 jul. 2015.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende. Metodologia do Ensino de Arte. São Paulo: Cortez, 1993.

GARDNER, Howard. Inteligências múltiplas, a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

MONTUORI, Alfonso. The complexity of improvisation and the improvisation of complexity: social science, art and creativity. In: Human Relations. v. 56, n. 2, p. 237-255. London: SAGE, 2003. Disponível em: http://www.academia.edu/168670/The_Complexity_of_Improvisation_and_the_Improvisation_of_Complexity. Acesso em: 22 jul. 2015.

Arte, comunidades e espacialidades	60h
------------------------------------	-----

Lugar, território e espaço. Espacialidade convencionalizada na arte como construção histórica. As múltiplas poéticas que tomam a espacialidade como eixo investigativo. O público e o privado. A arte, o comum e a comunidade. Arte e ações comunitárias: possibilidades no espaço.

Bibliografia Básica:

GUATARRI, Felix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: Cartografia do Desejo. Petrópolis: Vozes, 2000.

JACQUES, Paola Berenstein. Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Rio Arte, 2002.

MARQUEZ, Renata. Geografias portáteis: arte e conhecimento espacial, 2009. 248f. Tese. (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://www.geografiaportatil.org/index.php?/projects/geografias-portateis/>. Acesso em: 27 jul. 2015.

. Bibliografia Complementar:

AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

DANTO, Arthur. A transfiguração do lugar-comum. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.

GUIMARÃES, Cesar Geraldo. A experiência estética e a vida ordinária. E-compós – Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação, [online] Brasília, v. 1, n. 1, dez 2004. Disponível em: <http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/14/15>. Acesso em: 27 jul. 2015.

GUIMARÃES, Rafael Siqueira de; BRAGA, Cleber. Por que morar na cidade? Ou a publicidade do empreendimento imobiliário. In: OLIVEIRA, Esther Gomes de; CAMARGO, Hertz Wendell de (Orgs.). Linguagem & Publicidade. Londrina: Syntagma, 2013, p. 219-226.

PEIXOTO, Néelson Brissac. *Intervenções urbanas: arte/cidade*. São Paulo: SENAC, 2002.

Poéticas negro-descendentes	30h
<p>Apropriação de elementos de culturas negrodscendentes como meio de afirmação identitária no campo artístico e/ou nas expressões espetaculares fundadas na tradição popular, no Brasil e na Diáspora. Modos de realização do discurso negro orientado na arte: formas, princípios, características e estratégias. Identidades, negritude, herança cultural, estética, diáspora e descolonização eurocêntrica</p> <p>Bibliografia Básica:</p> <p>EVARISTO, Conceição. <i>Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade</i>. Disponível em: http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/viewFile/4365/4510. Acesso em: 24 jul. 2015.</p> <p>BENTO, Maria Aparecida da Silva; SILVEIRA, Marly de Jesus; NOGUEIRA, Simone Gibran (Org.) <i>Identidade, branquitude e negritude - contribuições para a psicologia social no Brasil: novos ensaios, relatos de experiência e de pesquisa</i>. Santa Catarina: Editora Casa do Psicólogo, 2014.</p> <p>GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. <i>Racismo e Anti-Racismo no Brasil</i>. São Paulo: Editora 34, 1999.</p> <p>Bibliografia Complementar</p> <p>SANTOS, Boaventura de Souza. <i>Modernidade, identidade e a cultura de fronteira</i>. <i>Tempo Social, Rev. Sociol. USP, S. Paulo</i>, v. 5, n1-2, 1993, p. 31-52 (editado em nov. 1994). Disponível em: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Modernidade%20Identidade%20Fronteira_TempoSocial1994.pdf. Acesso em: 24 jul. 2015.</p> <p>GODI, Antônio. <i>Performance afro-musical: legitimação e pertencimento no contexto eletrônico</i>. Disponível em: http://www.videobrasil.org.br/pan_africana/ENSAIO_GODI.pdf. Acesso em: 24 jul. 2015.</p> <p>LIMA, Evani Tavares. <i>Por uma escritura poética negra</i>. (Palestra). 2012.</p> <p>MARINHO, Vanessa. <i>Militância negra e expressão estética no recife (1980-2003)</i>. <i>Anais do V Colóquio de História da UNICAP</i>. Recife, 2011. Disponível em: http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/5Col-p.355-368.pdf. Acesso em: 24 jul. 2015.</p> <p>MARTINS, Leda. <i>Performances do tempo espiralar</i>. In: Rabetti, Graciela; Arbex, Márcia [Org.]. <i>Performances, exílios, fronteiras: errâncias territoriais e textuais</i>. Minas Gerais: Poslit, 2002. p. 69-91.</p>	

Estéticas ocidentais nas Américas	60h
<p>Arte colonial e formas regionais de realização dos modelos europeus. Apropriação histórica de modelos estéticos ocidentais e definição de identidades independentes nas artes nacionais das Américas. Perpetuação, hibridação e transformação dos modelos estéticos ocidentais nas sociedades americanas. Pós-colonialismo nas artes das Américas.</p> <p>Bibliografia Básica:</p> <p>BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. <i>Identidade e arquitetura na América Latina: o transnacional e o transcultural como estratégias do Barroco e do século XXI</i>. <i>Vária História, Belo Horizonte</i>, n. 27, julho de 2002. Disponível</p>	

em: <http://www.fafich.ufmg.br/varia/admin/pdfs/27p117.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2015.

GOMBRICH, Ernst Hans. A história da arte. 16. ed. São Paulo: LTC, 2000.

KUSH, Rodolfo. América profunda. Lima: Bellido Ediciones E.I.R.L., 2007. Disponível em: <https://blogdarupal.files.wordpress.com/2014/07/amc3a9rica-profunda-livro.pdf> Acesso em: 30 jul. 2015.

Complementar:

BAUMGARTEN, Jens; TAVARES, André. O Barroco colonizador: a produção historiográficoartística no Brasil e suas principais orientações teóricas. Perspective, la revue de l'INHA [online] publicado em 30 de setembro de 2014. Disponível em: <http://perspective.revues.org/5538>. Acesso em: 30 jul. 2015.

COSTA, Lúcio. A arquitetura dos jesuítas no Brasil. ARS [online]. São Paulo, 2010, v. 8, n. 16, p. 127-195. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ars/v8n16/09.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2015.

FALBELT, Ana. Cartas da América: Arquitetura e Modernidade. Seminário Docomomo, s.d. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/docomomo/seminario%20%20pdfs/070.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2015.

PIPER, Adrian. A lógica do modernismo. Revista Poiesis, n. 11, nov. 2008, p.167-176. Disponível em: http://www.poiesis.uff.br/PDF/poiesis11/Poiesis_11_logicamodernismo.pdf. Acesso em: 10 jun. 2015.

FERREIRA, Lucelena. O tributo antropofágico: ecos europeus na poesia pau-brasil. Revista Vertentes, n. 34, 2009. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/portalepositorio/File/Vertentes34/Lucelena%20Ferreira.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2015.

Estudos sobre corpo e movimento expressivo: observação e investigação	30h
<p>Processos básicos. Movimento corporal e espacialização. Domínio do movimento expressivo: percursos, ritimicidade, temporalidade, oposições expressivas, projeções no espaço, apropriação, exteriorização, adequação, ressonância, sequência, continuidade, reverberação. Memória e partitura corporal. Processos de agenciamento dos sujeitos em suas corporalidades na relação com o texto corporal: produção, invenção, execução.</p> <p>Bibliografia Básica:</p> <p>LABAN, Rudolf. Domínio do Movimento. São Paulo: Summus, 1978.</p> <p>LOUPPE, Laurence. Poética da dança contemporânea. Lisboa: Orfeu Negro, 2012.</p> <p>XAVIER, Jussara Janning. O que é a dança contemporânea? O Teatro Transcende, n. 16, v.1, 2011, p. 35-48. Disponível em: http://dx.doi.org/10.7867/2236-6644.2011v16n1p35-48. Acesso em: 12 jul. 2015.</p> <p>. Bibliografia Complementar:</p> <p>COHEN, Renato. Performance como linguagem. São Paulo: Perspectiva, 2007.</p> <p>DALTRO, Emyle; AZEVEDO, Maria Tereza. O reinventar do corpo na instalação coreográfica "ImPermanências" de Vera Sala. Art Ciência.com, v. 7, n. 14, set. 2011/ fev. 2012, p. 1-16. Disponível em: http://www.artciencia.com/index.php/artciencia/article/view/39. Acesso em: 25 jul. 2015.</p> <p>LIMA, José Antonio de Oliveira. Educação Somática: diálogos entre educação, saúde e arte no contexto da proposta de Reorganização Postural Dinâmica. Campinas, 2010. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação,</p>	

Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2010. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_d4cb9ade1ff835d770dd1293737802e1. Acesso em: 25 jul. 2015.

MILLER, Jussara. A escuta do corpo. São Paulo: Summus, 2007.

NUNES, Sandra Meyer. O criador-intérprete na dança contemporânea. Revista Nupeart, n. 1, v.1, 2002, p. 83-96. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/3037>. Acesso em: 22 jul. 2015.

Movimentos artísticos e linguísticos dos povos pré-colombianos e diaspóricos nas Américas	60h
<p>Sistemas de pensamento e línguas que sustentam expressões artísticas da América Andina, da Mesoamérica e das terras baixas. Variedade das civilizações, dos suportes materiais e dos estilos nas obras representativas dessas culturas. Obras representativas das culturas da América andina, da Mesoamérica e das terras baixas. Línguas e movimentos nas Américas.</p> <p>Bibliografia Básica:</p> <p>FAUSTO, Carlos. Os índios antes do Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.</p> <p>PROUS, André. Arqueologia Brasileira. 2 ed. Brasília: Editora da UNB, 2002.</p> <p>PROUS, André. O Brasil antes dos brasileiros: a pré-história do nosso país. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.</p> <p>PESSOA DE CASTRO, Iêda. A influência das línguas africanas no português brasileiro. Disponível em: http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/documentos/linguas-africanas.pdf. Acesso em: 4 maio 2015.</p> <p>. Bibliografia Complementar:</p> <p>LUMBRERAS, Luis Guillermo; LAVALLÉE, Daniele. L'art des Andes de la Préhistoire aux Incas. Paris: Gallimard, 1985.</p> <p>MAIA, Marcus. Manual de Lingüística: Subsídios Para a Formação de Professores Indígenas da Área da Linguagem. Brasília: Ministério da Educação, 2006.</p> <p>JORGE, Marcos; PROUS, André; RIBEIRO, Loredana. Brasil Rupestre: Arte pré-histórica brasileira. Belo Horizonte: Zencrane Livros, 2007.</p>	

Arte, história e historicidades nas Américas	30h
<p>Problematiza história da arte nas Américas a partir de discussões sobre modos de historicizar a produção artística, mobilizando, ao mesmo tempo, a diversidade de temporalidades encontrada no continente. Partindo de uma crítica à história linear, progressiva e teleológica – exemplificada em numerosos discursos das vanguardas da primeira metade do século XX – pretende-se explorar e experimentar outras formas de agenciar discursos de história da arte, tais como: circularidade das mitologias, desfragmentação pós-moderna e a noção de hibridização.</p>	

Bibliografia Básica:

BENJAMIN, Walter. Walter Benjamin: Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CANCLINI, Nestor G. Culturas híbridas. São Paulo: Edusp, 1997.

DE CERTEAU, Michel. A escrita da História. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. Disponível em <http://www.usp.br/cje/anexos/pierre/CERTEAUMAEscritadahist%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2015.

. Bibliografia Complementar:

BORGES, Jorge Luis. Nova refutação do tempo. In:_____. Outras inquisições. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

COLI, Jorge. Primeira missa e invenção da descoberta. In: NOVAES, Adauto (Org.). A descoberta do homem e do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CHESNEAUX, Jean. As armadilhas do quadripartismo. São Paulo: Ática, 1995.

GINZBURG, Carlo. Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância. São Paulo; Companhia das Letras, 2001.

SCWHARTZ, Jorge. Vanguardas Latino-Americanas. São Paulo: Edusp, 2008.

VIANNA, Hermano. O Mistério do Samba. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/Editora UFRJ, 2004.

Cinema, criação e educação audiovisual	30h
<p>Elaboração de espaços de compartilhamento e invenção coletiva pela prática e fruição da imagem cinematográfica. Abordagem dos meios audiovisuais de escrita e narrativa. Desenvolvimento de ações propostas pelos dispositivos elaborados pelo projeto “Inventar com a diferença”. O cinema como espaço de criação para uma construção subjetiva, comunitária e intercultural.</p>	
<p>Bibliografia Básica:</p>	
<p>COMOLLI, Jean-Louis. Ver e Poder – a inocência perdida: cinema, televisão, ficção e documentário. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.</p>	
<p>GUIMARÃES, César. O retorno do homem ordinário do cinema. Contemporânea – Revista de Cultura e Comunicação, v. 3, n. 2, 2005, Salvador. Disponível em: http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3457 . Acesso em: 22 jul. 2015.</p>	
<p>MIGLIORIN, Cezar et alii. Inventar com a diferença – cinema e direitos humanos. Niterói: Editora da UFF, 2014. Disponível em: http://www.inventarcomadiferenca.org/. Acesso em: 22 jul. 2015.</p>	
<p>. Bibliografia Complementar:.</p>	
<p>MIGLIORIN, Cezar. O ensino de cinema e a experiência do filme-carta. E-compós. Revista da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Brasília, v.17, n.1, jan/abr 2014. p.1-16. Disponível em: http://www.compos.org.br/seer/index.php/ecompos/article/viewFile/1045/758. Acesso em: 22 jul. 2015.</p>	
<p>FRESQUET, Adriana Mabel; Migliorin, Cezar; ANHORN, Carmen Teresa Gabriel; PEREIRA, Maria Leopoldina; DOMINGUES, Glauber Resende; BARRA, Regina; OMELCZUC, Fernanda; LEANDRO, Anita Matilde. Currículo de cinema para escolas de educação básica. Rio de Janeiro: CINEAD/LECAV, 2013.</p>	

FRESQUET, Adriana (Org). Cinema e educação: a Lei 13.006: reflexões, perspectivas e propostas. Universo Produção. Disponível em: http://www.cineop.com.br/Livreto_Educacao10CineOP_WEB.pdf. Acesso em: 22 jul.2015.

Arte e tecnologia	60h
-------------------	-----

Arte e tecnologia: conceitos, história, usos, debates. A tecnologia no ensino-aprendizagem da arte. Projetos artísticos com novas tecnologias: recursos, possibilidades, aplicação. Softwares, microcontroladores, atuadores, transdutores, circuitos integrados, hardware hacking e outros recursos. Dispositivos analógicos e digitais, em diferentes formas de expressão artística. Aspectos criativos, poéticos e estéticos no uso de meios eletrônicos em qualquer área do conhecimento. Projetos de criação voltados para problemas concretos: imaginação, organização, execução e avaliação do processo e de seus resultados. Olhar complexo sobre processos dessa natureza na criação, na educação e na pesquisa.

Bibliografia Básica:

CAESAR, Rodolfo. Sujeito e objeto em loop: escutar nas entrelinhas. Anais do III SIMPOM. Rio de Janeiro: UNIRIO/PPGM, 2014. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/simpom/article/view/4481>. Acesso em: 22 jul. 2015.

MACHADO, Arlindo. Arte e mídia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

OBICI, Giuliano L. e FENERICH, Alexandre S. Jardim das Gambiarras Chinesas: uma prática de montagem musical e bricolagem tecnológica. Juiz de Fora: II Encontro Internacional de Música e Arte Sonora, 2011. Disponível em: http://www.ufjf.br/anais_eimas/files/2012/02/Jardim-das-GambiarrasChinesas-uma-prática-de-montagem-musical-e-bricolagem-tecnológica-Alexandre-Fenerich-GiulianoObici.pdf. Acesso em: 22 jul. 2015.

Bibliografia Complementar:

BERNARDINO, Paulo. Arte e tecnologia: intersecções. In: ARS (São Paulo) [online]. 2010, v.8, n.16, p. 39-63. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167853202010000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 jul. 2015.

BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. Buenos Aires: Hidalgo, 2008.

GALEB, Maria da Glória; SOUZA, Adriana Teles de; LEITE, Elisangela Christiane de P.; GOMES, Fabrícia Cristina. Tecnologia e Arte: cruzamentos possíveis para uma reflexão acerca do ensino contemporâneo. In: Anais do IX ANPED Sul, agosto 2012, Caxias do Sul, RS. Disponível em: http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Didatica/Trabalho/05_23_58_283-6684-1-PB.pdf. Acesso em: 22 jul. 2015.

Acesso em: 22 jul. 2015.

IAZZETTA, Fernando. Música e mediação tecnológica. São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2009.

ROSA, Ricardo. Gambiarra: alguns pontos para se pensar uma tecnologia recombinante. Cadernos Video Brasil 02. São Paulo: SESC-SP, 2006. Disponível em: http://www2.sescsp.org.br/sesc/videobrasil/up/arquivos/200611/20061117_160212_CadernoVB02_p.53_P.pdf. Acesso em: 22 jul. 2015.

Modos de escuta e criação sonora	60h
<p>Possibilidades criativas e expressivas nos campos sonoros: apreciação e prática. Estudos de eventos sonoros que se estabeleceram em diferentes civilizações. Concepções de tempo, espaço sonoro, música, paisagem sonora, timbre e notação perpassando diversas tradições e culturas. Processos de construção de sensibilidades musicais no Ocidente. Proposta de apresentação artística.</p> <p>Bibliografia Básica:</p> <p>CAESAR, Rodolfo. A espessura da sonoridade: entre o som e a imagem. Anais do XXIII Congresso da ANPPOM, Natal (RN), 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/6662138/A_espessura_da_sonoridade_entre_o_som_e_a_imagem. Acesso em: 22 jul. 2015.</p> <p>IAZZETTA, Fernando. Da escuta mediada à escuta criativa. In: Contemporanea, v. 10, n. 1, jan/abr, Salvador: UFBA, 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/5656693/Da_escuta_mediada_à_escuta_criativa. Acesso em: 22 jul. 2015.</p> <p>WISNIK, José Miguel. O som e o sentido. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.</p> <p>Bibliografia Complementar:</p> <p>FREITAS, Alexandre S. O sonoro e o visual: questões históricas, fenomenológicas e uma abertura à estética comparada. Per Musi, Belo Horizonte, n. 19, 2009, p. 91-96. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-75992009000100010&lng=pt&nrm=iso&tlng=en. Acesso em: 22 jul. 2015.</p> <p>SAUER, Theresa. Notations 21. New York: Mark Batty Publisher, 2009.</p> <p>SHAFER, R. Murry. A afinação do mundo. São Paulo: UNESP, 2009.</p> <p>SZENDY, Peter. Escucha: una historia del oído melómano. Barcelona, Paidós, 2003.</p>	

Modos de brincar, modos de cantar, modos de contar, modos de aprender	30h
<p>Pesquisa de brinquedos e brincadeiras cantadas e do cancionero popular relacionada com a socialização em qualquer idade. Cultura musical e corporal nas brincadeiras populares. Oralidade e invenção. Estudos vivenciais com contos das tradições negras e indígenas. O Falar e o Escutar. A palavra e suas dimensões na expressão das culturas negras e indígenas brasileiras.</p> <p>Bibliografia Básica:</p> <p>BERNAT, Isaac Garson. Encontros com o griot Sotigui Kouyaté. Rio de Janeiro: Palas, 2013.</p> <p>HARTMAN, Luciana. Performances de uma Tradição: O caso do Cacuriá Filha Herdeira. Journal of Theatricalities and Visual Culture. California State University - Los Angeles, 2013. Disponível em: http://web.calstatela.edu/misc/karpa/KarpaArchives/Site%20Folder/Resources/PDF/hartmann.pdf . Acesso em 22 jul. 2015.</p> <p>HUIZINGA. Homo ludens. São Paulo: Perspectiva, 2001.</p>	

. Bibliografia Complementar:

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. Histórias dos índios lá em casa, narrativas indígenas e tradição oral popular no Brasil. Disponível em: http://www.portalkaingang.org/Historias_dos_indios.pdf. Acesso em 22 jul. 2015.

CARVALHO, Crispiniano (et al). Pamiri-Masa: a origem do nosso mundo: revitalizado as culturas indígenas dos rios Uaupés e Papuri. São Paulo: Saúde Sem Limites, 2004. Disponível em: http://prograftecnologia.com.br/livro_indio/. Acesso em: 22 jul. 2015.

MACHADO, Vanda. Mitos afro-brasileiros e vivências educacionais. Disponível em: <http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/documentos/mitos.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2015.

DOS SANTOS, Deoscoredes. Contos de Mestre Didi. Rio de Janeiro: Codecri, 1981.

DOMENICI, Eloisa L. A brincadeira como ação cognitiva: metáforas das danças populares e suas cadeias de sentidos. In: KATZ, Helena & GREINER, Christine. Arte e Cognição. São Paulo, Annablume, 2015, p. 191-236.

Pedagogias da cena	60h
<p>Modos de atuar, modos de aprender, modos de ensinar a partir das abordagens do Drama como método de ensino e da Dança educativa. Modos de atuar - o teatro do Oprimido e o teatro Comunitário. Modos de ensinar em jogo - jogos de corpo e jogos teatrais.</p> <p>Bibliografia Básica:</p> <p>CABRAL, Beatriz Ângela Vieira. Drama como método de ensino. São Paulo: Hucitec, 2006</p> <p>FLORENTINO, Adilson; TELLES, Narciso (Orgs.). Cartografias do ensino do teatro. Uberlândia: EDUFU, 2009.</p> <p>MARQUES, Isabel A. Revisitando a dança educativa moderna de Rudolf Laban. Sala Preta 2, 2011, p. 276-281. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/download/57104/60092. Acesso em: 22 jul. 2015.</p> <p>Bibliografia Complementar:</p> <p>BOAL, Augusto. O Teatro do oprimido. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.</p> <p>DESGRANGES, Flávio. Teatro e Pedagogia: dois corpos ocupam o mesmo lugar no espaço. São Paulo: Hucitec, 2005.</p> <p>MARQUES, Isabel A. Dançando na escola. Motriz, v. 3, n.1, 1997, p 20-28.</p> <p>NOGUEIRA, Márcia Pompeo. Teatro com meninos e meninas de Rua. São Paulo: Perspectiva, 2008.</p> <p>SPOLIN, Viola. Improvisação para o teatro. São Paulo: Perspectiva, 1979.</p>	

Arte - artesanato – artefato	30h
<p>Reconhecimento das expressões do artesanato entre arte e design. As práticas locais e suas inserções na sociedade. O artesanato entre necessidade e criação, entre invenção e repetição. Elaboração e transmissão</p>	

dos gestos, maneiras de fazer e saberes. Redes de reconhecimento e difusão das produções

Bibliografia Básica:

BARROSO, Eduardo. O que é o artesanato. Fórum Brasileiro de Economia Solidária. Disponível em: http://www.fbes.org.br/biblioteca22/artesanato_mod1.pdf. Acesso em: 1 maio 2015.

BORGES, Adélia. Design - artesanato: o caminho brasileiro. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

LAGROU, Els. Arte ou artefato? Agência e significado nas artes indígenas. Proa. Revista de Antropologia e Arte [on-line]. ano 2, v. 1, n. 2, nov. 2010. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/proa/DebatesII/elslagrou.html>. Acesso em: 24 jul. 2015.

Complementar:

FREITAS, Ana Augusta Ferreira de; IPIRANGA, Ana Sílvia Rocha; MAZZA, Adriana Carla Avelino. O design, a arte e o artesanato deslocando o centro. Cadernos EBAPE.BR, v. 5, n. 4, dez. 2007, p. 1- 11. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cebape/v5n4/v5n4a08.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2015.

FIGUEIREDO, Marina Dantas de; MARQUESAN, Fábio Freitas Schilling. Artesanato, Arte, Design... Por que isso importa aos estudos organizacionais? RIGS - Revista Interdisciplinar de Gestão Social, v. 3, n. 3, set./dez. 2014, p. 127-143. Disponível em: http://www.rigs.ufba.br/pdfs/RIGS_v3_n3_art7.pdf. Acesso em: 22 jul. 2015.

CASTRO, Maria Luiza Almeida Cunha de. Entre arte e indústria: o artesanato em suas articulações com o design. Revista Espaço Acadêmico, v. 9, n. 102, nov. 2009, p. 89-96. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/7356>. Acesso em: 22 jul. 2015.

Produção cultural e arte-curadoria	60h
<p>Políticas para as artes e para a cultura: fomento público e privado, economia criativa, redes de arte e cultura e produção independente. Políticas e espaços da arte: arte no cotidiano, expografias, museografia e curadoria, festivais. A arte-curadoria. Práticas colaborativas, processos de singularização e organização coletiva.</p> <p>Bibliografia Básica:</p> <p>AVELAR, Romulo. O avesso da cena: notas sobre produção e gestão cultural. Belo Horizonte: DUO, 2008.</p> <p>MARCHIORI NUSSBAUMER, Gisele (Org.). Teorias & políticas da cultura. Visões multidisciplinares. Salvador: Editora da UFBA, 2007.</p> <p>MARQUEZ, Renata; SCOVINO, Felipe. Escavar o futuro. In: MARQUES, Renata. Geografia portátil. Belo Horizonte: Fundação Clóvis Salgado, 2014. Disponível em: http://www.geografiaportatil.org/index.php?/projects/escavar-o-futuro/. Acesso em: 29 jul. 2015.</p> <p>Complementar:</p> <p>COELHO, Teixeira: Dicionário Crítico de Política Cultural. São Paulo: Iluminuras, 2004.</p> <p>GUIMARÃES, Rafael Siqueira de. Economia criativa e novas formas de subjetivação no contemporâneo. In:</p>	

Camargo, Hertz Wendell de; Mansano, Sonia Regina Vargas. (Org.). Consumo e Modos de Vida. Londrina: Syntagma, 2013, v. 1, p. 35-39. Disponível em: <http://www.syntagmaeditores.com.br>. Acesso em: 29 jul. 2015.

MIGUEZ, Paulo. Repertório de fontes sobre economia criativa. Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura – CULT/UFBA, Salvador, 2007. Disponível em: http://www.cult.ufba.br/arquivos/repertorio_economia_criativa.pdf. Acesso em: 29 jul. 2015.

Artes e Comunicação nas sociedades contemporâneas	30h
<p>Estudo das formas artísticas das sociedades contemporâneas, a partir dos meios técnicos de reprodutibilidade das obras: fotografia, cinema, música popular, quadrinhos, televisão, vídeo ou artes digitais. Artes tradicionais e modos técnicos de reprodução. Estudo da cultura imagética contemporânea. As formas contemporâneas de circulação das expressões artísticas. Arte, comunicação e relações de poder nas sociedades contemporâneas.</p> <p>Bibliografia Básica:</p> <p>BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas, v.I, 2 e 3. São Paulo: Brasiliense, 1989.</p> <p>MARTÍN-BARBERO, Jesus. Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia. Trad. R. Polito e S. Alcides. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.</p> <p>MORIN, Edgar: Cultura de Massas no Século XX. Rio de Janeiro: Forense, 1969. Disponível em: http://pt.scribd.com/doc/169378659/Cultura-de-Massas-no-seculo-XX-Neurose-Edgar-Morinpdf#scribd. Acesso em: 31 jul. 2015.</p> <p>Complementar:</p> <p>ADORNO, Theodor. T. W. Adorno. São Paulo: Ática, 1986.</p> <p>CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas híbridas. São Paulo, Edusp, 1997.</p> <p>DEBORD, Guy: A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. Disponível em: http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf. Acesso em: 31 jul. 2015.</p>	

Interdisciplinaridades: Teorias e Práticas	60h
<p>Introdução aos problemas e questões que compõem a interdisciplinaridade como possibilidade de construção e transmissão do conhecimento.</p> <p>Bibliografia Básica:</p> <p>MORIN, Edgar (org.). A religação dos saberes. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.</p> <p>POMBO, Olga. Interdisciplinaridade: ambições e limites. Lisboa: Relógio D'Água, 2004.</p> <p>SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências. Porto: Edições Afrontamento, 1995.</p> <p>Bibliografia Complementar</p> <p>BERTALANFFY, Ludwig Von. Teoria geral dos sistemas. Petrópolis: Vozes, 2006.</p>	

GUATARRI, F. Fundamentos ético-políticos da interdisciplinaridade. In. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 108, Jan/Mar 1992, p. 19-25.

GUSDORF, Georges. Passado, presente, futuro da pesquisa interdisciplinar. In. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 121, Abr/Jun 1995, p. 7-27.

JANTSCH, Eric. Interdisciplinaridade: os sonhos e a realidade. In. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 121, Abr/Jun 1995, p. 29-41.

MORIN, Edgar. Os setes saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2011.

Bases Filosóficas e Epistemológicas das Humanidades	60h
<p>Apresentação, análise e discussão dos principais conceitos e doutrinas que moldaram a tradição filosófica, bem como sua absorção e apropriação pelas demais ciências humanas, numa perspectiva de diálogo crítico em que se cruzam influências e rompimentos.</p> <p>Bibliografia Básica:</p> <p>DESCARTES. “Discurso do método”. In. Obras Escolhidas. São Paulo: Perspectiva, 2010.</p> <p>FOUCAULT, M. As palavras e as coisas. São Paulo: Martins Fontes, 2007.</p> <p>HABERMAS, J. O discurso filosófico da modernidade. São Paulo: Martins fontes, 2002.</p> <p>Bibliografia Complementar:</p> <p>DOMINGUES, Ivan. O grau zero do conhecimento. São Paulo: Ed. Loyola, 1991.</p> <p>BRAUDEL, F. Escritos sobre a história. São Paulo: Perspectiva, 2007.</p> <p>DERRIDA, J. Gramatologia. São Paulo: Perspectiva, 2008.</p> <p>FREUD, S. Obras completas (V. 18). O mal-estar na civilização. São Paulo: Cia das letras, 2010.</p> <p>WEBER, Max. Economia e sociedade. (2 Vol). Brasília: Ed. da UNB, 1994.</p>	

16.2. COMPONENTES CURRICULARES ESPECÍFICOS DO CURSO

BPC

16.2.1 Componentes Obrigatórios - BPC

Fundamentos das Tecnologias Sociais	60h
<p>Tecnologias Sociais: Base conceitual. Tecnologias Convencionais e Tecnologias Sociais. A emergência das Tecnologias Sociais no mundo e no Brasil. Tecnologia Social e desenvolvimento local. Tecnologia Social e Empreendedorismo cultural.</p> <p>Bibliografia Básica</p> <p>DAGNINO, Renato; BRANDÃO, Flávio Cruvinel; NOVAES, Henrique Tahan. Sobre o marco analítico-conceitual da tecnologia social. In: Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004.</p> <p>FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL. Tecnologia Social: uma estratégia para o desenvolvimento. Rio de Janeiro, 2004.</p> <p>ITS (Instituto de Tecnologia Social). Reflexões sobre a construção do conceito de tecnologia social. In: DE PAULO, A. et al. Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004.</p> <p>Bibliografia complementar</p> <p>LASSANCE Jr A.E, PEDREIRA J.S. Tecnologias Sociais e Políticas Públicas. Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil; 2004.</p> <p>MACIEL, A. L. S.; FERNANDES, R. M. C. Tecnologias sociais: interface com as políticas públicas e o Serviço Social. Serv. Soc. Soc. [online], n.105, p. 146-165, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n105/09.pdf. Acesso em: 26 nov. 2018.</p> <p>RODRIGUES, I.; BARBIERI, J. C.. A emergência da tecnologia social: revisitando o movimento da tecnologia apropriada como estratégia de desenvolvimento sustentável. Rev. Adm. Pública [online], v. 42, n.6, p. 1069-1094, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rap/v42n6/03.pdf. Acesso em: 26 nov. 2014.</p> <p>VARANDA, Ana Paula; BOCAYUVA, Pedro Cláudio. Tecnologia Social, Autogestão e Economia Solidária. Rio de Janeiro: FASE. UFRJ, 2009.</p>	

Políticas Culturais	60h
<p>Políticas culturais no Brasil. Políticas culturais comparadas. Questões normativas do campo político-cultural.</p> <p>Bibliografia básica</p>	

AVELAR, R. O avesso da cena: notas sobre produção e gestão cultural. Belo Horizonte: DUO Editorial, 2008.

BARBALHO, A.;RUBIM, A. A. C. Políticas culturais no Brasil.Ed.EdUFBA. 2007.

BRANT, L. Políticas culturais. v.1. Manole. 2002.

Bibliografia complementar:

CALABRE, L. (org.). Políticas culturais: reflexões sobre gestão, processos participativos e desenvolvimento. São Paulo: Itaú Cultural; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2009.

CESNIK, F. de S. Guia do incentivo à cultura. 2.ed. Barueri, SP: Manole, 2007.

CHAUÍ, M. Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas. 12.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

COELHO, T. Dicionário crítico de política cultural. 3.ed. São Paulo, Fapesp / Iluminuras, 2004.

ITAÚ CULTURAL. Percepções: cinco questões sobre políticas culturais. São Paulo: Itaú Cultural, 2010.

MINISTÉRIO DA CULTURA. Cultura em números: anuário de estatísticas culturais 2009. Brasília: Minc, 2009.

_____. Projeto incentivo ao incentivo –como propor um projeto cultural pela Lei Rouanet: manual didático. São Paulo: Minc – Delegacia regional de São Paulo, 2002.

REIS, A. Grandes correntes políticas e culturais do sec.XX. Lisboa: Ed.Colibri, 2003.

SCHWARZ, R. Cultura e política. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

Planejamento Participativo e Gestão Cultural	60h
<p>A Gestão Cultural e a organização participativa da sociedade civil. Conselhos de Política Cultural.</p> <p>Planejamento participativo, gestão pública cultural e prática da produção cultural.</p> <p>Bibliografia básica:</p> <p>ANELLA, L. C. Manual de organização de eventos: planejamento e operacionalização. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.</p> <p>CHIAVENATO, I. Administração nos novos tempos. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.</p> <p>CESCA, C. G. G. Organização de eventos: manual para planejamento e execução. 9. ed. São Paulo: Summus, 2008.</p> <p>Bibliografia complementar:</p> <p>LONGENECKER, J. G. et al. Administração de pequenas empresas. São Paulo: Thomson Learning, 2007.</p> <p>THIRY-CHERQUES, H. R. Projetos culturais: técnicas de modelagem. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2010.</p> <p>YEOMAN, I. et al. Gestão de festivais e eventos: uma perspectiva internacional de artes e cultura. São Paulo: Roca, 2006.</p>	

Marketing Cultural	30h
<p>Marketing cultural: definição e conceitos associados. Fatores impulsionadores e objetivos do marketing cultural. Caracterização e pesquisa de mercado, identificação de oportunidades. Identificação de principais fontes financiadoras na área da cultura.</p>	

Bibliografia básica:

BRANT, L. Mercado cultural: investimento social, formatação e venda de projetos, gestão e patrocínio, política cultural. São Paulo: Escrituras, 2001.

FRANÇA, P. Captação de recursos para projetos e empreendimentos. Brasília: SENAC/DF, 2005.

GRANDE, I. Marketing cross-cultural. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

Bibliografia complementar:

MACHADO NETO, M. M. Marketing cultural: das práticas à teoria. 2.ed. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2005.

REIS, A. C. F. Marketing cultural e financiamento da cultura: teoria e prática em um estudo internacional comparado. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

Revista Marketing Cultural online. <http://www.marketingcultural.com.br/>

Gestão financeira de programas e projetos sociais e culturais	60h
<p>Fomento à cultura, captação de recursos. Orçamento cultural e políticas públicas. Organização administrativo-financeira de projetos e programas culturais e sociais. Dinâmicas da construção de parcerias para sustentabilidade de projetos. Elementos da Carta-consulta. Captação de recursos para o terceiro setor. Agências internacionais de financiamento e suas especificidades. Instituições locais como fontes de financiamento.</p> <p>Bibliografia básica:</p> <p>GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.</p> <p>REIS, A. C. F. Economia da cultura e desenvolvimento sustentável: o caleidoscópio da cultura. Barueri, SP: Manole: 2007.</p> <p>REIS, A. C. F. Marketing cultural e financiamento da cultura: teoria e prática em um estudo internacional comparado. São Paulo: Cengage Learning, 2009.</p> <p>Bibliografia complementar:</p> <p>BRANT, L. Políticas culturais. v.1. Manole. 2002.</p> <p>LONGENECKER, J. G. et al. Administração de pequenas empresas. São Paulo: Thomson Learning, 2007.</p>	

História das manifestações artístico-culturais do sul da Bahia	60h
<p>Cartografia histórica sobre as manifestações culturais do Sul da Bahia.</p> <p>Bibliografia: A ser construída em pesquisa de campo</p>	

Legislação Cultural	30h
<p>Estudos técnicos sobre os principais editais de fomento à cultura e as leis de incentivo à cultura, municipal, estadual e federal.</p> <p>Bibliografia básica: COELHO, T. Dicionário crítico de política cultural. São Paulo: Iluminuras, 1999. Lei Rouanet (Lei n. 8313/1991) e propostas de alterações; Lei Câmara Cascudo (Lei n. 7799/1999); Bibliografia complementar: Lei Djalma Maranhão (Lei n. 5323/2001); Novas proposições legais relativas à cultura no Brasil Disposições dos Códigos penal e civil relativas à produção cultural; Lei dos Artistas - Lei no 6533/78 e Decreto no 82385/78; Direito Autoral (Lei n. 9.610/98) e propostas de alterações;</p>	

Direção Artístico-Cultural	60h
<p>Elaboração, função e gêneros. Estruturação do espetáculo. Noções de direção. Plano de direção. Organização do espaço. A definição dos elementos visuais: luz, figurino, cenário. Os elementos sonoros. Cronograma, produção, temporada. Escolha e coordenação de equipe.</p> <p>Bibliografia básica: DEBORD, Guy. A Sociedade do espetáculo. Trad.: Francisco Alves e Afonso Monteiro. Lisboa: Afronite, 1972. GREINER, Christine e BIÃO, Armindo (organizadores). Etnocologia: textos selecionados. São Paulo: Annablume, 1998. MALAGODI, Maria Eugênia; CESNIK, Fábio de Sá. Projetos Culturais: elaboração, administração, aspectos legais, busca de patrocínio. São Paulo: Escrituras, 1999.</p> <p>Bibliografia complementar: CABRAL, Carlos. Manual de técnicas de palco. Lisboa: Inatel, 2004. SMIERS, Joost. Artes sob pressão: promovendo a diversidade cultural na era da globalização. São Paulo: Escrituras, 2006.</p>	

Fundamentos da produção cultural	30h
<p>Planejamento, coordenação, organização e implantação de eventos culturais; O Evento Cultural como instrumento institucional e promocional.</p>	

Bibliografia básica:

AVELAR, Romulo. O avesso da cena: notas sobre produção e gestão cultural. Belo Horizonte: Duo, 2010.

BRANT, Leonardo. Mercado cultural: panorama crítico com dados e pesquisas e guia prático para gestão e venda de projetos. São Paulo: Escrituras, 2002.

KARA-JOSÉ, Beatriz. Políticas culturais e negócios. São Paulo: Annablume, 2007.

Bibliografia complementar:

CABRAL, Carlos. Manual de técnicas de palco. Lisboa: Inatel, 2004.

MORAES, Alessandra; CEZÁRIO, Nelma. Perfil de empresas patrocinadoras. Rio de Janeiro: Record, 2003.

Ambientação de espetáculos e exposições

60h

Crítica das artes visuais, elementos básicos de composição visual e concepções estéticas artístico-visuais. Estudos sobre a origem, a definição e os fundamentos teóricos e metodológicos da crítica da arte. A crítica como prática mediadora da relação entre artistas e público ou entre produtores de bens culturais e seus consumidores. Planejamento, organização, promoção e gestão de espetáculos. As diversas áreas de atuação de técnicos e profissionais do espetáculo.

Bibliografia básica:

CABRAL, Carlos. Manual de técnicas de palco. Lisboa: Inatel, 2004.

IONAZZI, Daniel. The stagecraft handbook. Cincinnati: Betterway Books, 1996. IONAZZI, Daniel. The Stage Management Handbook. USA: Betterway Pub, 1992.

SILVA, Robson Jorge Gonçalves da. (coord.). 100 termos básicos da cenotécnica: caixa cênica italiana. Rio de Janeiro: Funarte, 1992.

Bibliografia complementar:

GONZALEZ, R. C.; WOODS, R. E.. Digital Image Processing. 3a ed., Addison-Wesley, 2008.

WILLIAMS, Robin. Design para quem não é designer. São Paulo: Ed. Callis, 1995.

Design de Luz e Som

60h

Os diversos campos que compõem o espaço cênico e sua organização, gestão e recursos técnicos. Som e iluminação de espetáculos, eventos, exposições, desfiles.

Bibliografia básica:

CAMARGO, Roberto Gil. A função estética da luz. Sorocaba: Ed. TCM Comunicação, 2000.

CHION, Michel. A Audiovisão. Lisboa: Texto e Grafia, 2011.

PEDROSA, Israel. Da cor à cor inexistente. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editoria, 1982.

Bibliografia complementar:

PRENAFETA, Beato Tem; DIAS, Jamil; PIEDADE, Milton B. Iluminação cênica: fragmentos da história. São

Paulo: Edições Abric, 2005.
RODRIGUEZ, Angel. Dimensão sonora da linguagem audiovisual. São Paulo: SENAC, 2006. DO VALLE, Sólon. Microfones. 2ª edição. Rio de Janeiro: Musitec, 2002.

Noções de Fotografia	30h
<p>História e evolução da fotografia e das técnicas de registro fotográfico. Recursos técnicos das câmeras profissionais. A fotografia analógica e digital, diferenças e semelhanças. Ferramentas de manipulação fotográfica digital (Photoshop).</p> <p>Bibliografia básica: ADAMS, Ansel. A Câmera. São Paulo: Senac, 2003. B ARTHES, Roland. A Câmera Clara. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. AUMONT, Jacques. A Imagem. Campinas: Papyrus, 1993.</p> <p>Bibliografia complementar: DUBOIS, Phillippe. O Ato Fotográfico. Campinas: Papyrus, 1994. FLUSSER, Vilém. Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Edições Relume Dumará, 2002 SOULAGES, François. Estética da Fotografia, perda e permanência. São Paulo: Senac, 2010. TRIGO, Thales. Equipamento fotográfico: teoria e prática. São Paulo: Senac, 2003.</p>	

Noções de audiovisual	30h
<p>Introdução aos processos de desenvolvimento de produtos audiovisuais: formatos, roteiro, fotografia, edição e finalização.</p> <p>Bibliografia básica: DANCYGER, Ken. Técnica de edição para cinema e vídeo. Rio de Janeiro: Elsevier, Ed. Campus, 2003. EISENSTEIN, Sergey. A forma do filme. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. EVANS, Russel. Curtas extraordinários! Como filmar e compartilhar seus curtas na internet. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.</p> <p>Bibliografia complementar: ARAÚJO, Inácio. Cinema: o mundo em movimento. São Paulo: Scipione, 1995. MARTIN, Marcel. A linguagem cinematográfica. São Paulo: Brasiliense, 1990.</p>	

Noções de design gráfico	30h
<p>Desenho e Ilustração Digital. Manipulação de Vetor em mídia digital. Utilização de softwares para a elaboração e edição de imagens vetoriais. Aplicação correta das cores e seus modos em projetos gráficos visuais, Diferenças entre formato vetorial e formato de bitmap (mapa de bits).</p>	

Bibliografia básica

DONDIS, A. Donis. A sintaxe da linguagem visual. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ESCOREL, Ana. O efeito multiplicador do design. São Paulo: SENAC, 2000. HULBURT, Allen. Lay-out - O design da página impressa. São Paulo: Nobel, 1989.

MUNARI, Bruno. Design e comunicação visual. São Paulo: Martins Fontes, s. d., 1968.

Bibliografia complementar:

GUIMARÃES, César; LEAL, Bruno Souza; MENDONÇA, Carlos Camargos (orgs.). Comunicação e experiência estética. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2006.

WILLIAMS, Robin. Design para quem não é designer. São Paulo: Ed. Callis, 1995.

Políticas Sociais	60h
-------------------	-----

Políticas sociais e políticas públicas. O SUAS e a estruturação da política social brasileira. Financiamento e terceiro setor. Políticas sociais internacionais.

Bibliografia Básica

BEHRING, Elaine; BOSCHETTI, Ivanete. Política Social: fundamentos e história. São Paulo: Cortez, 2008.

CALDERÓN, Adolfo Ignacio; CHAIA, Vera Lúcia; SPOSATI, Aldaíza de Oliveira. Gestão municipal : descentralização e participação popular. São Paulo: Cortez: PUC-SP, Núcleo de Estudos e Pesquisas Urbanas, 2002

Conselho Federal de Serviço Social - CFESS (org.). O Estudo Social em Perícias, Laudos e Pareceres Técnicos: contribuição ao debate no Judiciário, Penitenciário e na Previdência Social. 10a ed. São Paulo. Cortez, 2014.

Bibliografia complementar:

COUTO, Berenice Rojas. O Direito Social e a Assistência Social na Sociedade Brasileira. Cortez, 2008..

JUNIOR, Nelson Nery & NERY, Rosa Maria de Andrade. Código de Processo Civil Comentado e Legislação Processual Civil Extravagante em Vigor. Editora RT, 2001.

JUNIOR, Nelson Nery. Código Civil Comentado. Editora RT (17ª Ed), 2018.

KELLER, Arno Arnoldo. O Descumprimento dos Direitos Sociais. Editora LTR, 2001.

LEAL, Rogério Gesta & REIS, Jorge Renato. Direitos Sociais & Políticas Públicas: Desafios Contemporâneos. Edunisc, 2007.

Cartografias dos Movimentos Sociais do Sul da Bahia	60h
---	-----

(Re) conhecimento dos movimentos sociais do Sul da Bahia por meio de investigação cartográfica.

Bibliografia:

Construída a partir do trabalho de campo.

Metodologias de levantamento de demandas sociais	60h
<p>Introdução a prática investigativa, considerando os fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa na produção de conhecimentos, tipologia e planejamento da pesquisa, instrumentos e técnicas na investigação científica.</p> <p>Bibliografia básica:</p> <p>CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. São Paulo: Cortez, 1981.</p> <p>COSTA, Sérgio Francisco. Método Científico: os caminhos da investigação. São Paulo: Harbra Ltda.,2001.</p> <p>FALEIROS, Vicente de Paula. Alternativas Metodológicas de Pesquisas em Serviço Social. In:Revista Serviço Social e Sociedade, (21). São Paulo: Cortez, 1989.</p> <p>Bibliografia complementar:</p> <p>GIL, Antonio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. São Paulo: Atlas, 1987.</p> <p>____. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. São Paulo: Atlas, 1987.</p> <p>GUEDES, Enildo Marinho. Curso de metodologia científica.2º ed. Curitiba-Pr: HD LIVROS, 2000.</p> <p>HAGUETE, Maria Tereza Frota. Metodologias Qualitativas na Sociologia. Petrópolis-RJ: Vozes, 1992.</p> <p>HUTHNE, Leda Maria. Metodologia Científica. In: Cadernos de Textos e Técnicas, Rio de Janeiro: Agir, 1989.</p> <p>KAMEYAMA, Nobuco. Concepção de Teoria e Metdologia. In: Cadernos ABESS (5). A metodologia no Serviço Social. São Paulo: Cortez, 1989.</p>	

Estágio Supervisionado	400h
<p>Ementa: Legislação e Prática profissional no campo da produção cultural a ser vivenciada no setor público ou privado, órgãos governamentais e não-governamentais. Construção de conhecimentos, Processo de análise, aplicabilidade, habilidades e competências adquiridos em sua formação acadêmica, consolidando-as como atividades profissionais.</p> <p>Bibliografia Básica</p> <p>BRASIL. Lei nº11.788 de 25 de setembro de 2008 .Dispõe sobre o Estágio de Estudantes. Brasília/DF: 2008.</p> <p>BRASIL. Lei nº 9.394 de 20/12/1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília/DF: 1996</p> <p>UFSB. Manual de estágio. 2018</p>	

Escrita de projeto de trabalho de conclusão de curso	60h
<p>Ementa: Ciência e conhecimento científico. Métodos científicos: conceito e críticas. Pesquisa: conceito, tipos e finalidade. Pesquisa científica, bibliográfica, descritiva e experimental. Projeto (do levantamento e fichamento bibliográfico, da fundamentação teórica; introdução, objetivos, materiais e métodos, resultados esperados, cronograma e referências bibliográficas) e relatório de pesquisa.</p> <p>Referências Básicas</p>	

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas da pesquisa social. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia científica. 4. ed., São Paulo: Atlas, 2004.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2002.

Referências Complementares

BARROS, Aidil da Silveira; FEHFELD, Neide A. de Souza. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Pearson Makron Books, 2000.

DEMO, Pedro. Metodologia Científica em Ciências Sociais. São Paulo, SP: Atlas, 2009.

GRESSLER, Lori Alice. Introdução à pesquisa: projetos e relatórios. São Paulo: Loyola, 2003.

ISKANDAR, Jamil Ibrahim. Normas da ABNT: comentadas para trabalhos científicos. 2.ed. Curitiba: Juruá, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.) Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

Orientação e Trabalho de conclusão de curso	60h
<p>Ementa: Escrita do Trabalho de conclusão de curso. Organização de texto científico. Normas e diretrizes para Elaboração de Trabalhos Acadêmicos (ABNT, Periódicos).</p> <p>Referências Básicas</p> <p>GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas da pesquisa social. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.</p> <p>LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia científica. 4. ed., São Paulo: Atlas, 2004.</p> <p>SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2002.</p> <p>Referências Complementares</p> <p>BARROS, Aidil da Silveira; FEHFELD, Neide A. de Souza. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Pearson Makron Books, 2000.</p> <p>DEMO, Pedro. Metodologia Científica em Ciências Sociais. São Paulo, SP: Atlas, 2009.</p> <p>GRESSLER, Lori Alice. Introdução à pesquisa: projetos e relatórios. São Paulo: Loyola, 2003.</p> <p>ISKANDAR, Jamil Ibrahim. Normas da ABNT: comentadas para trabalhos científicos. 2.ed. Curitiba: Juruá, 2005.</p> <p>MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.) Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.</p>	

Produção de tecnologias sociais	60h
<p>Tecnologia Social: conceitos e debates. Tecnologia Social e Tecnologia Convencional. Tecnologia Social no Brasil e no Mundo. Relevância Social e Investimento em Tecnologia Social. Diversidade social, ambiental, cultural e Tecnologia Social limites, entraves e avanços.</p> <p>Bibliografia básica:</p>	

ALTVATER, Elmar. O Fim do capitalismo como o conhecemos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ANTUNES, Ricardo. Riquezas e Misérias do Trabalho no Brasil II. Boitempo Editorial: 2012

CARRION, Rosinha Machado; HELLWING, Beatriz Centenaro; VALENTIM, Igor Vinicius Lima. Residência Solidária – Vivência de Universitários com o Desenvolvimento de uma Tecnologia Social. UFGRS: 2010.

Bibliografia complementar:

FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL. Tecnologia Social: uma estratégia para o desenvolvimento. Rio de Janeiro, 2004.

HOLLOWAY, Jonh. Fissurar o Capitalismo. São Paulo: Publisher Brasil, 2013.

VARANDA, Ana Paula & BOCAYUVA, Pedro Cláudio. Tecnologia Social, Autogestão e Economia Solidária. Rio de Janeiro: FASE. UFRJ, 2009.

16.2.2 COMPONENTES OPTATIVOS

Arte, cultura e cidade	30h
<p>Estudo teórico e prático de intervenções urbanas.</p> <p>Bibliografia Básica:</p> <p>BERTAZZO, Ivaldo. Cidadão Corpo: identidade e autonomia do movimento. São Paulo: Sammus, 1998.</p> <p>GREINER, Christine. O corpo: pista para estudos interdisciplinares. São Paulo: Annablume, 2008.</p> <p>LYRA, Bernardette. Corpo & mídia. São Paulo: Arte e Ciência, 2003.</p> <p>Bibliografia complementar:</p> <p>FATORELLI, Antonio; BRUNO, Fernanda (orgs.). Limiares da imagem: tecnologia e estética na cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.</p> <p>OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. 6a. Ed. Petrópolis: Vozes, 1987</p>	

Tecnologias culturais e sociais para o campo	30h
<p>Desenvolvimento, avaliação e implementação de tecnologias sociais com vistas ao campo.</p> <p>Bibliografia básica:</p> <p>FÓRUM Nacional da Rede de Tecnologia Social, 1., 2006, Salvador. Caderno de textos base para discussões.</p>	

Salvador: RTS, 2006.

FRANCO, Augusto de. Porque precisamos de desenvolvimento local integrado e sustentável. Brasília, DF: Instituto de Política; Millennium Edição Eletrônica, 2000.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

Bibliografia complementar:

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HULTENG, John L. Os desafios da comunicação: problemas éticos. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1990.

Legislação Social	30h
Direitos Sociais previstos na Constituição Federal. Relação de emprego: Características. Contrato de trabalho. Justiça do Trabalho: Estrutura e funcionamento.	
Bibliografia básica:	
BEHRING, E. R.; BOSCHETTI, I. B. Política Social: fundamentos e História. São Paulo: Cortez, 2007.	
BRASIL. Política Nacional de Assistência Social. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome, 2004. Disponível em: http://www.mds.gov.br/suas/menu_superior/publicações	
CARVALHO, J. M. de. Cidadania no Brasil. O longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.	
Bibliografia complementar:	
CUNHA, J. R. O Estatuto da Criança e do adolescente no marco da Doutrina de Proteção Integral. In: Revista da Faculdade de Direito Cândido Mendes, Nova Série, V.1, nº1, Rio de Janeiro: SBI, FDCM, 1996.	
VASCONCELOS, C. E. de. Mediação de conflitos e práticas restaurativas. São Paulo, ed. Método, 2008.	

Empreendedorismo	30h
Mudanças nas relações de trabalho. Características empreendedoras. A motivação na busca de oportunidades. O funcionamento de um negócio. Estudo de viabilidade. Plano de negócios.	
Bibliografia básica:	
DOLABELA, Fernando. O segredo de Luísa: uma idéia, uma paixão e um plano de negócios : como nasce o empreendedor e se cria uma empresa. São Paulo, SP: Sextante, 2008.	
HISRICH, Robert D.; PETERS, Michael P. Empreendedorismo. 5.ed. Porto Alegre: Bookman, 2007.	
SALIM, Cesar Simões; HOCHMAN, Nelson; RAMAL, Andrea Cecilia; RAMAL, Silvina Ana. Construindo planos de negócios: todos os passos necessários para planejar e desenvolver negócios de sucesso. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2005.	
Bibliografia complementar:	

ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. F. Família: Redes, Laços e Políticas Públicas. São Paulo: Cortez; PUC-SP, 2008

SANTOS, B. S. Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

Economia da Cultura	30h
---------------------	-----

Conceitos e transversalidades nas cadeias criativas, Sustentabilidade dos Projetos Culturais, Setores Criativos, Observatório Brasileiro de Economia Criativa.

Bibliografia básica:

AVELAR, Romulo. O avesso da cena: notas sobre produção e gestão cultural. Belo Horizonte: Duo, 2010.

MALAGODI, Maria Eugênia. Projetos culturais: elaboração, administração, aspectos legais, busca de patrocínio. São Paulo: Escrituras, 1999.

SMIERS, Joost. Artes sob pressão: promovendo a diversidade cultural na era da globalização. São Paulo: Escrituras, 2006.

Bibliografia complementar:

FEATHERSTONE, Mike. Cultura de consumo e pós-modernismo. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

SODRÉ, Muniz. Reinventando a cultura. Petrópolis: Vozes, 1997.

Computação gráfica	30h
--------------------	-----

Computação gráfica: origem e definição. Introdução ao processamento de imagens. Periféricos.

Representação de objetos. Visualização bidimensional. Visualização tridimensional. Introdução ao realismo tridimensional.

Bibliografia básica:

EGERTON, P. A.; HALL, W. S.. Computer Graphics: mathematical first steps. Prentice-Hall, 1999.

FOLEY, J. D.; VAM DAM, A.; FEINER, S. K.; HUGHES, J. F.. Computer Graphics: principles and practice. 2a ed., Addison-Wesley, 1992.

GOMES, J.; VELHO, L.. Image Processing for Computer Graphics. Springer-Verlag, 1997.

Bibliografia complementar:

GONZALEZ, R. C.; WOODS, R. E.. Digital Image Processing. 3a ed., Addison-Wesley, 2008.

HEARN, D.; BAKER, M. P.. Computer Graphics: C version. Prentice-Hall, 1997.

HILL JR, F. S.. Computer Graphics Using OpenGL. 2a ed., Prentice Hall, 2000.

SALOON, D.. Computer Graphics and Geometric Modeling. Springer-Verlag, 1999.

Produção de eventos turísticos	30h
--------------------------------	-----

Conhecimento científico, tecnológico e sociedade; Evento e eventualidade; Atores dos cenários para eventos; Terminologias para eventos; Tipologia de eventos; Planejamento, organização, operação e execução de

eventos; Cerimonial: ética e etiqueta; protocolo e precedência.

Bibliografia básica:

CESCA, Cleuza Gertrude Gimenes. Organização de eventos: manual para planejamento e execução. 9 ed. São Paulo: Summus, 2009.

GIACAGLIA, Maria Cecília. Organização de eventos: teoria e prática. São Paulo: Thomson Learning, (...).
GOMES, Sara. Guia do cerimonial: do trivial ao formal. Brasília: LGE, (...). MATIAS, Marlene. Organização de eventos: procedimentos e técnicas. Barueri (SP): Manole, (...). GONÇALVES, Carmem Luiza Alves. Organização de eventos com arte e profissionalismo. Fortaleza: SEBRAE/CE, 1998.

UFRJ, 1995.

Bibliografia complementar:

CANCLINI, Nestor G. Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Ed. WATT, David C. Gestão de Eventos em Lazer e Turismo. Porto Alegre (RS): Bookman, 2004

Informação e Comunicação: Teorias	30h
-----------------------------------	-----

Teorias da Comunicação no século XX e XXI. O caráter de fenômeno humano, social, cultural e político da Comunicação. Da Teoria da Informação (meios e modelos de comunicação) à concepção da comunicação como campo de relações estruturadas pelo poder e por diferenças culturais e sociais.

Bibliografia básica

CANCLINI, Nestor García. Culturas híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo, Edusp, 1997

HOHLFELDT, A. C.; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, V. V. (Orgs.). Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências. 1a. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001

MARTIN-BARBERO, J. Dos meios às mediações. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1999

Bibliografia complementar

ECO, Umberto. Apocalípticos e integrados. São Paulo: Perspectiva, 2004

MATTELART, A. & MATTELART, M. História das teorias da comunicação. São Paulo: Loyola, 1999

Noções Em Artes Visuais	30h
-------------------------	-----

Imagem e percepção. Elementos das artes visuais e suas formas de aprendizado: ponto, espaço, linha, volume, forma, cor, textura, etc. Transformações estéticas da Pré-história ao Modernismo.

Bibliografia básica

JOLY, Martine. Introdução à análise da Imagem. São Paulo: Papyrus Editora, 1996

DONDIS, Doris. Sintaxe da linguagem visual. São Paulo: Martins Fontes, 1991

GOMBRICH, E. M. A História da Arte. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993.

Bibliografia complementar

BARBOSA, A. M. Arte/ Educação Contemporânea. São Paulo: Cortez, 2005

PAREYSON, L. Os problemas da estética. 30. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Noções de roteiro em audiovisual	30h
<p>Roteiro e narrativa audiovisual. Gêneros cinematográficos, televisuais e videográficos. Os formatos de roteiro para meios audiovisuais.</p> <p>Bibliografia Básica:</p> <p>CAMPOS, Flávio de. Roteiro de cinema e televisão: a arte e técnica de imaginar perceber e narrar uma história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.</p> <p>REY, Jovany Sales. O papel do cinema: Guia prático do roteiro cinematográfico. Vitória: Edição do Autor, 2006.</p> <p>SARAIVA, Leandro; CANNITO, Newton. Manual de roteiro, ou Manuel, o primo pobre dos manuais de cinema e TV. São Paulo: Conrad, 2004.</p> <p>Bibliografia complementar:</p> <p>McKEE, Robert. Story: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiros. tradução: Chico Marés. Curitiba: Arte & Letra, 2006.</p> <p>PATERNOSTRO, Vera. O texto na TV. Rio de Janeiro: Campus, 1999.</p> <p>TEIXEIRA, Francisco Elinaldo (org.) Documentário no Brasil: tradição e transformação. São Paulo: Summus Editorial, 2004.</p>	

Libras	30h
<p>Introdução aos aspectos históricos e conceituais da cultura surda e filosofia do bilinguismo. Processos cognitivos e linguísticos. O cérebro e a língua de sinais. Apresentar o ouvinte à Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS) e a modalidade diferenciada para a comunicação (gestual-visual). Ampliação de habilidades expressivas e receptivas em LIBRAS. Vivência comunicativa dos aspectos sócioeducacionais do indivíduo surdo. Conceito de surdez, deficiência auditiva (DA), surdo-mudo, mitos, SignWriting (escrita de sinais). Legislação específica. Prática em Libras – vocabulário.</p> <p>Bibliografia básica:</p> <p>ANDRADE, Lourdes. Língua de Sinais e Aquisição da Linguagem. In: Fonoaudiologia: no sentido da linguagem. São Paulo: Cortez, 1994.</p> <p>CAPOVILLA, F.C., RAPHAEL, W. D. (no prelo). Sinais da LIBRAS e o universo da Educação. In: CAPOVILLA, F.C. (Org.). Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira: o mundo do surdo em LIBRAS. (Vol. 1, de 19 volumes, 340 pp.). São Paulo, SP: Edusp, Vitae, Brasil Telecom, Feneis.</p> <p>PERLIN, G. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (org.) A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.</p>	

Bibliografia complementar:

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GESSER, Audrei. Libras? Que língua é essa? São Paulo, Editora Parábola: 2009.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. Linguagem, surdez e educação. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

GOFFMAN, Erving. Estigma e Identidade Social. In:_____. Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GOLDFELD, Márcia. A criança surda: Linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. 2. ed. São Paulo: Plexus, 2002.